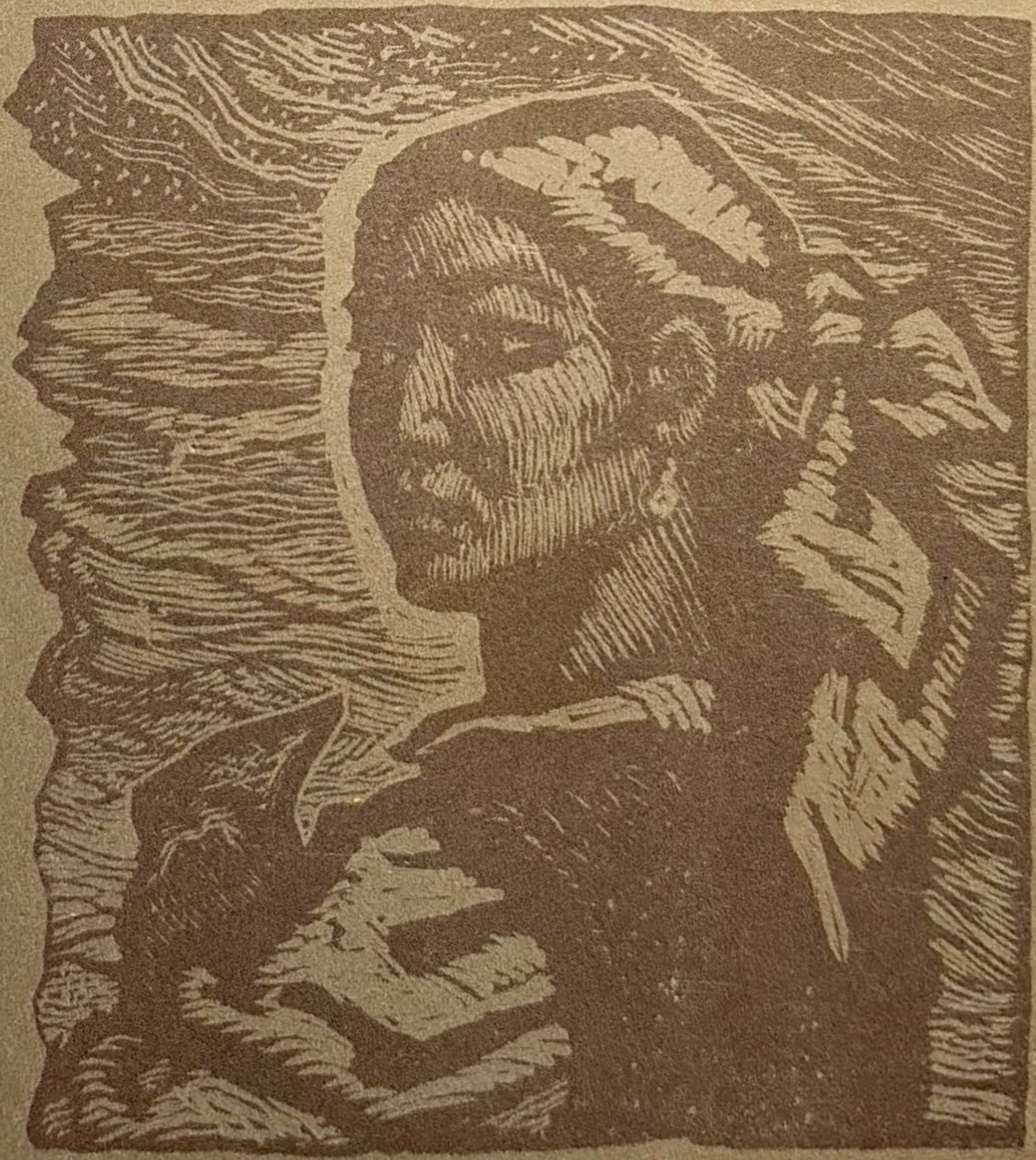
TCHINGUIZ AITMÁTOV

Djamilá

(ДЖАМИЛЯ)



"A mais bela história de amor do mundo"

Louis Aragon

EDITORA ALFA-OMEGA

Djamiliá

Tchinguiz Aitmátov

Djamiliá

Tradução do russo
Paulo Dal-Ri Peres

EDITORA ALFA-OMEGA
São Paulo
1986

Título do original russo
Djamiliá — Editora Molodáia Gvárdia — Moscou — 1982
© VAAP - Moscou - 1982

Planejamento Gráfico e Produção
Eliane R. Pereira

Capa
Jayme Leão

Revisão
Lenilda Soares
Eliane R. Pereira
Jesus A. Pugliesi

Composição
Helvética S/C Produções Editoriais Ltda.

Direitos reservados
EDITORA ALFA-OMEGA LTDA.
05413 — Rua Lisboa, 500 — Tel. (011) 852-6400
São Paulo — SP

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Sobre o Tradutor

Paulo Dal-Ri Peres (1945) é médico-psiquiatra e professor de Língua e Cultura Russa da USP.

Mestre em Letras com trabalho sobre um dos primeiros prosadores soviéticos, Isaac Bábel.

Doutor em Letras com uma tese sobre o tema: O discurso psiquiátrico e anti-psiquiátrico de Tchekhov em sua manifestação literária.

Nota do tradutor:
O texto desta tradução baseia-se na edição das Obras Reunidas de Tchinguiz Aitmátov, em três volumes da Editora "Molodáia Gvárdia" (Jovem Guarda), Moscou, 1982. A novela foi originalmente escrita em quirguiz e traduzida para o russo por A. Dmitrievna.

Introdução
Djamiliá num caleidoscópio

A novela "Djamiliá" completará em breve trinta anos, a idade que tinha seu autor quando ela foi publicada pela primeira vez, em 1958, nas páginas da revista Nóvi Mir *(Mundo Novo).*

E, neste ano de 1985, quando a li e pesquisei, tive justamente a sensação de entrar em contato com um complexo "mundo novo", um conjunto de fragmentos formadores de figuras instáveis, que se desfazem e se refazem de modo diverso ao mais leve toque.

"Djamiliá" era quase desconhecida para mim. Quase. Há tempos um filme de mesmo nome me deixou curioso — era da Quirguízia. Sabia que era uma região da Ásia Central, mas nunca imaginara que pudesse ter uma cinematografia. Época do "tropicalismo", a fantasia correndo solta, tive a impressão de que iria ver qualquer coisa de muito estranho como um Moctezuma asiático ou um fantástico pássaro quetzal.

Nada disso. Filme sóbrio, pessoas comuns, um toque de lirismo, paisagens estupendas, mas situações concretas, verossímeis. Começo notável — no primeiro plano de

uma pintura esmaecida, um casal com o passo congelado num instante da caminhada em direção às montanhas do fundo. Lentamente, as figuras retomam a marcha interrompida e com seu movimento o filme se inicia. Um jogo entre duas artes do plano e da perspectiva.

O recurso não era novo. Lembrei-me, imediatamente, de uma peça de teatro de Rafael Alberti, Noite de Guerra no Museu do Prado*: um grupo de republicanos, perseguidos pelos fascistas, refugia-se no museu do Prado. Tiros por todos os lados e, no auge da confusão, das palavras de ordem gritadas, as personagens famosas da pintura espanhola abandonam suas molduras e defendem, ao lado dos republicanos, a ameaçada cultura de Espanha, nesta e em passadas guerras. Jogo entre artes. Tradição e modernidade. Conflito e síntese.*

Mas que recurso poderoso — quem não se lembra do início do mais recente e aclamado Novecènto *de Bertolucci, tão semelhante ao do filme quirguiz?*

Ainda não fazia a menor idéia do impacto inicial do tema da novela no seu país de origem. Ali, as opiniões se polarizaram. Na República Russa, uma parte da crítica, marcada pela preocupação social, exaltou-a em termos grandiloqüentes: "emancipação da mulher oriental", "desprendimento renascentista da personalidade das malhas patriarcais do clã", "libertação dos costumes do adát". *Esqueceram-se de que o tema da emancipação feminina tinha apaixonado os intelectuais russos do século passado e sido abordado com tamanha intensidade por L. Tolstói em* Anna Kariênina*?*

No pólo extremo, principalmente na Quirguízia, lá onde corre o "perfumado e florescente Talás" surgiram expressões do mais caro pensamento conservador: "o dever

da mulher", "a importância da fidelidade e da boa ordem conjugal".

Sejamos justos — em ambas as regiões apareceram e continuam aparecendo abordagens mais equilibradas e mais preocupadas com "Djamiliá" como um fato literário.

Sejamos ainda mais justos, e antes de jogar as pedras, lembremos do nosso telhado de vidro — Gabriela, Cravo e Canela *surgiu aproximadamente na mesma época. Corria então um boato de que Jorge Amado seria linchado se voltasse a Ilhéus. Em toda parte, há sempre pessoas nas quais a carapuça adere tão bem quanto a unha ao dedo.*

Se for para comparar as duas obras, há mais diferenças que semelhanças. Não há em "Djamiliá" tanto exotismo e cor local quanto em Gabriela. *Pode-se dizer, com L. Aragon, que para o narrador da novela "tudo é natural" nos costumes da Quirguízia — "ele nasceu ali" e não carrega nas cores. E à sexualidade ostensiva de* Gabriela, *se contrapõe uma outra mais difusa e implícita, mas nem por isso menos intensa. Ela está presente no "olhar nada virginal" de Djamiliá, quando canta "as coplas maliciosas do aíl" assim como na expressão grosseira de Osmón, que exalta o falo e associa sexo com agressividade: "'Você ficará doida sem a* kamtcha *do teu marido" (*kamtcha *é uma espécie de chicote).*

"Djamiliá" trouxe muita glória ao seu autor. Tchinguiz Aitmátov é um dos escritores mais lidos e amados da União Soviética. Suas obras foram traduzidas para todas as línguas conhecidas das nacionalidades soviéticas. Uma informação que não pode deixar de nos impressionar: seu último romance, Uma jornada mais longa do que um século *atingiu a cifra de cinco milhões de exemplares.*

Em muito pouco tempo, sua obra atravessou fronteiras e escalou os patamares mais elevados da consagração internacional — já teve noventa edições diferentes em quase setenta idiomas, fora da União Soviética, provocando perplexidade, polêmicas, opiniões bastante divergentes, mas nunca indiferença.

A título de exemplificação detenho-me apenas na grande sensação que "Djamiliá" causou na França.

Louis Aragon, que a traduziu para o francês, considerou-a "a mais bela história de amor do mundo" e imolou a seus pés todos os modelos supremos de amantes conhecidos pela tradição literária do Ocidente: "Werther, Berenice, Antonio e Cleópatra, Manon Lescaut, a Educação Sentimental, *Dominique, nada mais são para mim, porque li 'Djamiliá', nem Romeu e Julieta, nem Paolo e Francesca, nem Hernani e Doña Sol...porque encontrei Daniiar e Djamiliá".*

Ainda na França, "Djamiliá" conseguiu servir como modelo literário a ser imitado pelos personagens do romance Le Buveur de Garonne, *de Michel Perrein, que não leram a novela, mas viram o filme e desde então dialogam entre si, sonhando com a bela moça quirguiz e sua terra, imaginada como um paraíso terrestre.*

Além do complexo de problemas políticos e etnográficos levantados pela novela, a crítica literária preocupou-se, como não podia deixar de ser, com as questões que dão conta do seu valor como um fato literário: como situá-la na história literária, a mistura de gêneros, as técnicas de composição, seu estilo, como aparecem nela procedimentos de outras artes, etc.

Como situar "Djamiliá" dentro da tradição literária? — Num aspecto, pelo menos, todos parecem de acordo:

"é o ponto de encontro entre duas tradições básicas — o folclore nacional quirguiz e a literatura russa (e através desta, a literatura ocidental)". Fora disso, grandes divergências: para uns, ela segue o modelo dos poemas épicos de Homero; para outros, a literatura medieval, o espírito renascentista, a literatura clássica chinesa, árabe, indiana, etc., etc.

O crítico soviético V. Levtchenko compara-a com a Ilíada *e baseando-se no livro de E. Auerbach,* Mimesis, *afirma que a novela não tem segundos planos, permite análise, mas não interpretação. Não teria perspectiva — seus espaços e tempos obedecem às convenções características dos tempos de Homero e não do nosso tempo fragmentado. Exatamente por isso, considera como uma falha da novela a indicação de que a ação se passa "no terceiro ano da guerra": "poderia ser no quarto e não faria a menor diferença".*

Discordo dele. Há elementos muito preciosos em sua análise, particularmente no que se refere aos espaços e tempos da fábula (espaço não delimitado como num desenho técnico, linear, mas mitologicamente indeterminado e um tempo não marcado com exatidão), mas a meu ver, estes estão justapostos, em conflito, com espaços e tempos bem medidos. Preso à sua idéia de que tudo se passa num único plano, sem perspectiva, Levtchenko se aferra às duas coordenadas, esquecendo-se da terceira. Um exemplo: ele diz que para conquistar Djamiliá, Daniiar deve realizar duas "provas" (como nas fábulas, ainda que mesmo nestas, o mais freqüente sejam três provas) — a escalada com uma carga pesadíssima e a canção noturna, que a comove e seduz. Porém, antes destas, que colocam Daniiar numa posição mais elevada do que o marido de Djamiliá, há

outra prova, que os nivela: ambos lutaram na guerra. Também entre as personagens, predominam relações triangulares, que não se limitam apenas ao tradicional "marido-esposa-amante" ou "homem-mulher-criança". Assim, na tessitura da obra, o "terceiro ano da guerra" e também o "envelope triangular" são detalhes muito bem selecionados, que contribuem para a criação de significados, que permitem interpretação e uma aproximação mais profunda dentro da complexidade psicológica das personagens.

Não pretendo fazer um inventário das análises sobre os procedimentos de outras artes na novela, nem colocar minhas próprias conclusões a respeito. Mas, algumas informações mesmo superficiais já são bastante sintomáticas dessa interpenetração. A novela se apresenta como imagens despertadas pela contemplação de um quadro. O título original em quirguiz era "Obon", ou seja, "Melodia" (foi mudado para "Djamiliá" por sugestão do redator da Nóvi Mir*) e seu desfecho coincide com a canção de Daniiar. Quanto à linguagem cinematográfica, toda a série de quadros intercalados entre o início e a continuidade do enredo, aparentemente desligados da trama, relacionam-se com a história anunciada por um princípio de coordenação e não de subordinação, por uma lógica de correlação e não causal, exemplificando desse modo a sintaxe da montagem dialética do teórico do cinema, S. M. Eisenstein. A propósito, todas as novelas de Aitmátov foram filmadas (uma delas, "O navio branco", sob direção do quirguiz Bolot Chamchaiev, foi considerado o melhor filme soviético de 1976). O próprio Aitmátov teve participação nas filmagens de alguns filmes e é secretário da União dos Cineastas da Quirguízia.*

Mas, a pesquisa em torno da obra de Tchinguiz Aitmá-

tov se enquadra dentro do contexto mais amplo de toda a literatura soviética atual, que apresenta um fato novo — a emergência das literaturas de povos que até recentemente não possuíam escrita, e cujos escritores são capazes de se expressar igualmente bem em suas línguas nacionais como também em russo. A questão do bilingüismo tem dois aspectos: a influência da literatura russa no desenvolvimento das demais literaturas nacionais soviéticas e o papel revitalizador que estas exercem sobre a própria literatura russa.

Neste processo, Tchinguiz Aitmátov é um elemento de grande importância, um participante ativo e ele mesmo dá seu testemunho:

"Em nosso país já existe a experiência do bilingüismo na literatura. Ela nos diz que o caminho mais correto é a junção dos conhecimentos das línguas. Conheço escritores que escrevem igualmente bem e expressivamente nas duas línguas. Devo citar meu próprio nome, como exemplo. Escrevo meus livros em quirguiz e russo. Se o livro foi escrito inicialmente em quirguiz, eu o traduzo para o russo e vice-versa. Obtenho a satisfação mais profunda deste trabalho de dupla mão. Este trabalho interior do escritor é extraordinariamente interessante e leva, a meu ver, à realização do estilo e ao enriquecimento da capacidade expressiva da língua".

A partir deste testemunho, não sei exatamente como classificar minha tradução de "Djamiliá", se é uma tradução direta ou indireta. Ela foi escrita originalmente em quirguiz, traduzida para o russo não por seu autor, mas certamente com sua colaboração, pois a edição mais recente, revista pelo autor, apresenta pouquíssimas modificações em relação às edições mais antigas.

Mas, voltando ao assunto do bilingüismo e da interação entre as culturas, o exemplo quirguiz é, sem dúvida, um campo interessantíssimo para este tipo de pesquisa: o surgimento de sua escrita, além de recente, teve um percurso bastante acidentado, passando por nada menos do que três alfabetos e o desenvolvimento de sua cultura também é caracterizado por uma história rica em contrastes extremos. Numa entrevista ao "Le Monde", da qual reproduzo dois trechos, Aitmátov informa:

"— A língua quirzguiz é uma língua túrquica?

— Sim. Ela era escrita em caracteres árabes até 1926, depois em latinos e, a partir de 1940, em caracteres cirílicos. Eu comecei a escrever em caracteres latinos, depois continuei em cirílico. Sou um homem de duas épocas..."

"— Nós sempre vivemos no cruzamento de grandes movimentos históricos, como a China, a Rússia, a Índia, o Afeganistão, o Irã. Aprendemos muito destas civilizações que, às vezes, nos causaram prejuízos, pois eram vizinhos poderosos. Mas, após 1917, após a Revolução de Outubro, reencontramos nossa identidade, nossa importância étnica e administrativa".

A República Socialista Soviética da Quirguízia tem uma área de 198.500 km² e uma população de 3.653.000 habitantes. Mais de 94% do território está situado numa altitude de mais de mil metros acima do nível do mar. Entre suas imponentes montanhas destacam-se Tian-Chan e Palmir-Altai. Sobre as belezas de suas paisagens, diz o crítico A. Turkov:

"Independentemente de quanto se tenha ouvido ou lido sobre a Quirguízia... uma pessoa se sente totalmente despreparada para a subjugante beleza desta região.

Gente dos lugares mais remotos vem pagar tributos a Issik-Kul, o lago dos poemas e das fábulas, circundado por montanhas majestosas, cujos picos se perdem entre as nuvens. As árvores escalam as encostas escarpadas, cada vez mais alto, como grupo de montanhistas..."

Até poucas décadas sua população se dedicava ao nomadismo e às atividades pastoris, mas hoje, sua principal base econômica é a produção de energia elétrica, graças ao potencial de seus impetuosos rios de montanha. E, de acordo com o mesmo A. Turkov, a estação hidrelétrica de Toktogul tornou-se também um símbolo imponente do caminho percorrido pela literatura quirguiz. "Toktogul foi um importante bardo quirguiz que viveu há um século e cuja poesia exerceu uma grande influência no desenvolvimento da moderna literatura do seu país". Realmente, um percurso formidável desde a narrativa épica Manás, *transmitida oralmente, até as grandes tiragens de seus escritores atuais: Ala Tokombáiev, Toktogul Satilgânov e Tchinguiz Aitmátov.*

Tchinguiz Aitmátov nasceu a 12 de dezembro de 1928 na aldeia de Cheker, num vale do rio Talás. Formou-se em zootecnia na Quirguízia e posteriormente freqüentou o Curso Superior de Literatura do Instituto Górki, em Moscou. Publicou, além de "Djamiliá", uma peça de teatro, um romance e uma série de novelas, entre as quais destaco "O primeiro professor", "O campo materno", "O navio branco" e "Adeus, Gulhsari". Esta última descreve as formas de comunicação entre o herói Tanabái e seu cavalo Gulhsari, um tema ousado pois foi abordado anteriormente por Tolstói na novela "Kholstomer" e por Tchekhov em "Angústia".

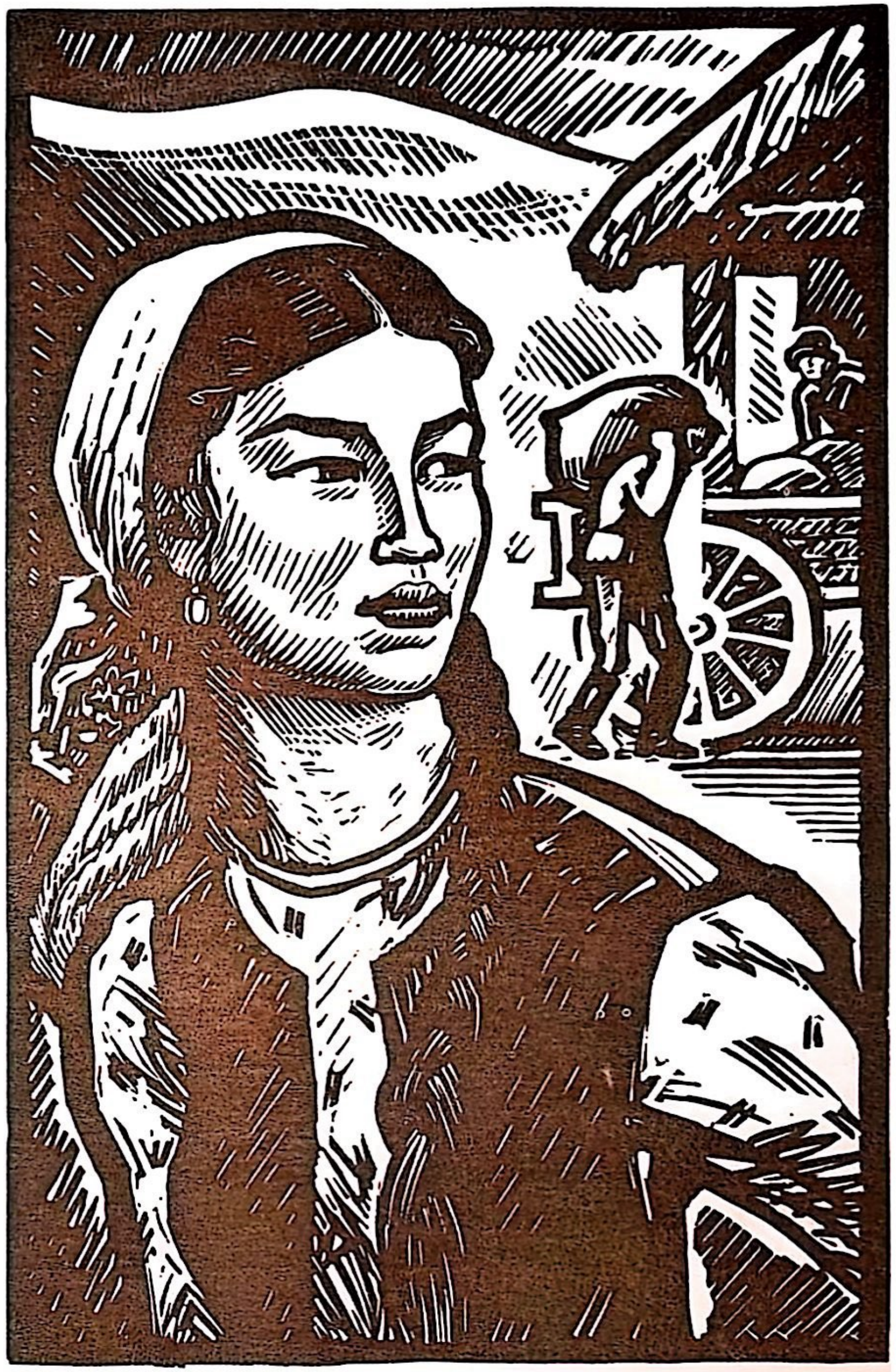
Em toda sua obra, T. Aitmátov é um cronista das formações de sua terra, desde as relações patriarcais até

sua fisionomia atual, como importante centro industrial, localizado bem próximo da base espacial soviética de Baikonur, na vizinha República do Casaquestão. Seu romance Uma jornada mais longa do que um século *descreve estes contrastes extremos: um cortejo fúnebre, com suas preces para os mortos, "por quem se reza desde a noite dos tempos" é impedido de entrar num antigo cemitério, agora ocupado por uma base espacial. Enquanto isso, um grupo de cosmonautas soviéticos e americanos descobre um planeta povoado por seres dotados de uma razão superior à nossa.*

Aitmátov recebeu em 1963 o prêmio Lênin pela coletânea "Novelas das Montanhas e das Estepes" e, em 1968, o Prêmio Estatal da URSS pela novela "Adeus, Gulhsari". É membro da União dos Escritores Soviéticos, Secretário da União dos Cineastas da Quirguízia e deputado ao Soviet Supremo.

E, por tudo isso, a leitura de "Djamiliá" e a respeito dela ficou em minha memória como um complexo jogo de associações, como as imagens efêmeras e fugidias de um caleidoscópio.

Paulo Dal-Ri Peres



Djamiliá

Detenho-me novamente diante desta pequena tela com sua moldura simples. Amanhã pela manhã preciso partir para o *aíl* (1) e observo o quadro com atenção e demora, como se pudesse me desejar boa viagem.

Ele nunca apareceu em minhas exposições. E, principalmente quando meus parentes do *aíl* me visitam, apresso-me a escondê-lo. Não me causa vergonha, mas está longe de ser uma obra de arte. É simples como a terra que representa.

Na profundidade do quadro há uma borda do desbotado céu de outono. O vento persegue, por cima de uma cadeia de montanhas, velozes nuvenzinhas manchadas. O primeiro plano apresenta, numa tonalidade vermelho-marrom, a estepe coberta de absintos. E um caminho escuro, que ainda não secou desde as últimas chuvas. Em suas beiras secas, comprimem-se arbustos quebrados. Ao longo da trilha corroída pelas águas estendem-se as pegadas de dois caminhantes. Vão se tornando mais fracas à

---

1. Vila em quirguiz.

medida que se aprofundam no caminho e quanto aos caminhantes, dir-se-ia que um passo a mais e sairão do quadro. Um deles... aliás, me antecipo um pouco.

O fato aconteceu no início da minha adolescência. Era o terceiro ano da guerra. Distante, nas linhas de frente, em algum lugar próximo a Kursk ou Oriol, nossos pais e irmãos combatiam, enquanto nós, garotos com menos de quinze anos, trabalhávamos no colcós. O duro trabalho diário do camponês pesava sobre nossas costas inseguras. A época da colheita era particularmente árdua. Ficávamos semanas inteiras fora de casa, desaparecidos dias e noites no campo, na eira ou a caminho da estação, onde os cereais eram entregues.

Num destes dias tórridos, em que as foices pareciam incandescentes pelo esforço da ceifa, retornando da estação na carroça descarregada, decidi voltar para casa.

Bem perto do vau, na colina onde a rua termina, estão dois quintais, rodeados por uma sólida cerca de adobe, ao longo da qual elevam-se álamos. São as nossas casas. Nossas duas famílias moram em vizinhança desde longa data. Eu sou da Casa Grande. Meus dois irmãos, ambos mais velhos e solteiros, partiram para a linha de frente e há muito não temos nenhuma notícia deles.

Meu pai, um velho carpinteiro, costumava fazer sua prece matutina e ir para a carpintaria do pátio comunal. Retornava apenas noite alta.

Em casa só permaneciam minha mãe e minha irmãzinha.

No quintal vizinho, ou, como o chamam no *aíl*, na Casa Pequena, viviam nossos parentes próximos. Nossos bisavós ou nossos tataravós foram irmãos e se os chamo de próximos é porque vivíamos como uma só família. Era o

hábito do nosso povo desde o tempo do nomadismo, quando nossos pais instalavam juntos os acampamentos e juntos apascentavam o gado. Cotinuamos mantendo a tradição. A coletivização chegou ao *aíl* mas nossos pais seguiram construindo as casas lado a lado. E não apenas nós — toda a rua do Aral, que se estende entre os rios ao longo da vila, é formada por gente da mesma tribo, somos todos do mesmo clã.

Pouco depois da coletivização, o chefe da Casa Pequena morreu. A mulher ficou com duas criancinhas. Conforme o *adát,* antigo costume do clã, ainda subsistente no *aíl,* não se podia abandonar uma viúva com filhos e por isso nossa tribo casou-a com meu pai. Ele devia isso à alma dos ancestrais — era o parente mais próximo do falecido.

Dessa forma tivemos uma segunda família. A Casa Pequena tinha uma organização independente com sua própria área de cultivo e seu próprio gado mas, em essência, vivíamos juntos.

Ela também enviou seus dois filhos para o exército. O mais velho, Sadik, partiu logo depois do casamento. Recebíamos cartas deles mas, na verdade, eram muito espaçadas.

Na Casa Pequena viviam a mãe que eu chamava de *kitchi-apá* (mãe mais jovem) e sua nora, a mulher de Sadik. Ambas trabalhavam na fazenda coletiva de manhã à noite. Minha mãe mais jovem era boa, condescendente e inofensiva: não perdia para as mulheres mais jovens nos trabalhos de escavação dos *aríki* (1) ou na irrigação dos campos — em suma, sabia manter a enxada firme. O destino recompensou-a com uma nora trabalhadora. Djamiliá

1. Na Ásia Central, canais de irrigação. singular arík.

era-lhe uma boa companheira, infatigável e habilidosa, mas de um temperamento um tanto estranho.

Eu amava Djamiliá apaixonadamente. E ela gostava de mim. Ficamos muito amigos, mas não a ponto de nos tratarmos pelo primeiro nome. Se fôssemos de famílias diferentes, certamente, eu a chamaria de Djamiliá. Contudo, como mulher de meu irmão mais velho, devia chamá-la de *djené* e ela a mim de *kitchinê balá* (menininho), embora eu absolutamente não fosse pequeno e a nossa diferença de idade, mínima. Mas era o nosso costume: as cunhadas chamavam os irmãos mais novos do marido de *kitchinê balá* ou de meu *kainí*.

Minha mãe era responsável pelas duas casas. Ajudava-a minha irmãzinha, uma garota divertida que usava fitinhas nas tranças. Nunca me esquecerei da seriedade com que esta menina trabalhava naqueles dias difíceis. Ela conduzia ao pasto os carneiros e bezerros de ambas as casas e recolhia *kiziák* (1) e galhos secos para que a casa tivesse sempre reserva de aquecimento; era a minha irmãzinha de nariz arrebitado quem alegrava a solidão de minha mãe, distraindo-a dos pensamentos sombrios, quando não havia notícias dos filhos.

Nossa grande família devia a minha mãe o espírito de concórdia e o abastecimento do lar. Tinha plenos poderes na organização de ambas as casas, era a guardiã do foco familiar. Entrou muito jovem na família de nossos avós nômades, cuja memória venerava piedosamente desde então, dirigindo as famílias com senso de justiça. Ela era considerada a dona de casa de maior experiência, respeito, consciência e sabedoria do *aíl*. Em casa a mãe diriga tudo. Quanto a meu pai, a bem da verdade, ninguém con-

1. Tijolinhos de esterco usados como combustível.

siderava chefe da família. Dizia-se com freqüência, a propósito de um assunto qualquer: "Ora, ora, é melhor você não se dirigir ao *ustaká* — é assim que os nossos tratam respeitosamente os profissionais — ele só entende do seu machado. Na casa deles a cabeça é a mãe mais velha. Será mais seguro dirigir-se a ela".

É preciso dizer que eu, apesar da pouca idade, freqüentemente me ocupava dos negócios da casa. Isto só era possível porque os mais velhos estavam na guerra. Quase sempre em tom de brincadeira, mas às vezes a sério, intitulavam-me o *djiguit* (1) das duas famílias, seu defensor e responsável. Eu me orgulhava disso e tinha um profundo senso de responsabilidade. Além do mais, minha mãe encorajava-me a independência. Ela gostaria que eu me tornasse um homem empreendedor e perspicaz, diferente de meu pai, que dia após dia aplainava e serrava em silêncio.

Pois bem, estacionei a carroça perto da casa, à sombra de um salgueiro, afrouxei os arreios e, quando me dirigia para o portão, percebi no pátio Orozmát, nosso chefe de brigada. Estava a cavalo, como sempre com a muleta atada à sela. Ao seu lado estava minha mãe, em pé. Discutiam algo. Aproximando-me, escutei a voz de minha mãe:

— Impossível! Você não tem respeito! Onde já se viu mulher transportando sacos de cereais numa carroça? Não, meu caro, deixe minha nora em paz, que ela continue trabalhando como tem feito até agora. Nunca vi tal coisa à luz do dia, e não tente ser senhor das duas casas! Ainda bem que minha filha cresceu... Há uma semana que não consigo endeireitar as costas; meus rins me dobram, como se eu tivesse enrolando feltro e enquanto isso, o milho

1. Entre os quirguizes, um caveleiro audaz, de elite, um valente.

está secando, à espera de água! — ela falava com arrebatamento e ao mesmo tempo introduzia a ponta do turbante por trás da gola do vestido. Coisa que fazia habitualmente, quando se irritava.

— Mas que tipo de pessoa a senhora é! — proferiu Orozmát em desespero, balançando-se sobre a sela. — Será que eu viria lhe pedir, se tivesse uma perna no lugar deste coto? Seria bem melhor eu mesmo jogar os sacos numa carroça, como antes, e deixar os cavalos correrem!... Eu sei que não é trabalho de mulher, mas onde encontrar homens agora?... Por isso decidimos pedir às mulheres dos soldados. A senhora recusa sua nora e a direção nos insulta com as piores palavras... Os soldados precisam de pão e nós perturbamos o plano. Como pode ser? A que ponto chegamos?

Aproximava-me deles, arrastando o chicote pela terra, quando o chefe ao me notar teve uma alegria inesperada, aparentemente tocado por um pensamento.

— Bem, se a senhora teme por sua nora, o *kaini* dela, — disse indicando-me com alegria — não permitirá que ninguém a moleste. A senhora já não tem do que duvidar! Nosso Seít é um bravo. Os meninos como ele nos mantêm, só eles nos salvam...

Minha mãe não o deixou terminar.

— Oh, você não se enxerga, seu vadio! — lamentou ela. — E estes cabelos desgrenhados... Nosso pai é bom, mas não encontra tempo para cortar o cabelo do filho...

— Muito bem, hoje o menino ficará em casa com os velhos e cortará o cabelo, — Orozmát apanhou habilmente o tom de minha mãe. — Seít, fique em casa hoje e alimente os cavalos. Amanhã de manhã daremos uma carroça para Djamiliá: vocês vão trabalhar juntos. Mas preste atenção, ela estará sob tua responsabilidade. A senhora não

ção, ela estará sob tua responsabilidade. A senhora não se preocupe, *baibitché*(1), Seít não permitirá que a ofendam. Além do mais, Daniiar vai com eles. A senhora o conhece: é um rapaz inofensivo... Sabe, aquele que voltou há pouco do *front*. Assim, se os três levarem juntos o grão para a estação, quem então se atreverá a molestar sua nora? Não é verdade, Seít? O que você acha? Queremos fazer de Djamiliá uma condutora de carroças, mas sua mãe não concorda. — Tente convencê-la.

Fiquei envaidecido com o elogio e pelo fato de o chefe tratar-me como adulto, pedindo-me conselho. E logo imaginei como seria bom acompanhar Djamiliá à estação. Fiz uma cara séria e disse à minha mãe:

— Não haverá nenhum problema. Não há lobos no caminho para devorá-la, não é mesmo?

Como um carroceiro experiente, cuspi entre os dentes, empunhei compenetrado o chicote às costas e balancei os ombros devagar.

— Olha só para isso! — supreendeu-se minha mãe. Parecia ter se divertido, mas logo a seguir gritou séria: — Eu vou te mostrar os lobos e te ensinar onde eles estão, seu espertinho!

— E como ele não iria saber, se é o *djiguit* das duas famílias? A senhora pode se orgulhar dele — disse Orozmát, apoiando-me e olhou para minha mãe, receoso de que ela continuasse teimando.

Mas minha mãe não replicou, apenas baixou a cabeça e disse num suspiro profundo:

— *Djiguít*! É apenas uma criança e já trabalha dias e noites inteiras... Só Deus sabe onde estão os nossos queridos *djiguíti*! Nossas casas, acampamentos abandonados, estão vazias...

1. Em quirguiz, forma respeitosa de tratamento dirigido à mulher.

Eu já estava longe e não ouvia mais o que ela dizia. Andando, chicoteava os cantos da casa para que a poeira se levantasse, e sem mesmo corresponder ao sorriso da irmãzinha que preparava o *kiziák* no pátio atravessei a varanda com ar de importância. Ali agachei-me e lavei as mãos sem pressa, vertendo água de uma bilha. Depois, na sala, tomei uma xícara de coalhada e levei uma segunda xícara para o parapeito da janela, onde a enchi com migalhas de pão.

Minha mãe e Orozmát continuavam no pátio. Não discutiam mais, a conversa era calma e em voz baixa. Provavelmente falavam de meus irmãos. Ela enxugava sem parar seus olhos inchados com a manga do vestido e balançava pensativa a cabeça em resposta às palavras de Orozmát que, evidentemente, a consolava e observava com um olhar embaçado algum ponto distante, por cima das árvores, como se esperasse ver ali os filhos.

Entregue à tristeza, minha mãe parecia ter concordado com a proposta do chefe. E ele, satisfeito com o resultado, fusgitou o cavalo com sua *kamtcha* (1) e deixou o pátio num trote rápido.

Nem minha mãe nem eu suspeitávamos como tudo isso iria terminar.

Eu não tinha dúvidas que Djamiliá saberia dirigir uma carroça com dois cavalos. Ela conhecia os animais, pois era filha de um guardador de cavalos do *aíl* montanhoso de Bakair. Nosso Sadik também fora um guardador de cavalos. Certa vez, nas corridas de primavera, ele não conseguiu ultrapassar Djamiliá. Quem sabe a verdade? Alguns diziam que, depois disso, Sadik, humilhado, sequestrou-a. Outros, ao contrário, afirmavam que eles se casaram por

1. Em tártaro, um látego *curto*.

amor. Mas, seja como for, ficaram juntos apenas quatro meses. A guerra começou e Sadik foi convocado.

Não sei como explicar, talvez porque desde criança Djamiliá ajudasse o pai a conduzir manadas de cavalos — filha única, ele a tratava como filha e filho ao mesmo tempo — ela manifestava em seu temperamento alguns traços masculinos, alguma coisa de rude e mesmo de grosseiro. Ela trabalhava com energia, com pulso masculino. Relacionava-se bem com as vizinhas, mas se fosse provocada injustamente, não levava desaforo para casa e às vezes até agarrava uma pelos cabelos.

Os vizinhos se queixavam muito:

— Que nora vocês têm! Mal atravessou a porta de vossa casa e sua língua já fica martelando! Não tem respeito nem pudor!

— Acho bom que seja assim! — respondia minha mãe. Nossa nora gosta de dizer a verdade na cara. É melhor do que ser dissimulada. As vossas fazem-se de meigas, mas no fundo são ovos podres: limpo e liso por fora, por dentro, só de nariz tapado!

Meu pai e a mãe mais jovem jamais trataram Djamiliá com a severidade e implicância que se supõe num sogro e numa sogra. Tratavam-na bem, gostavam dela e só desejavam uma coisa — que fosse fiel a Deus e ao marido.

Eles, eu entendia. Com quatro filhos no exército encontravam consolo em Djamiliá, a única nora das duas casas e por isso tinham-lhe carinho. Mas eu não entendia minha mãe. Não era mulher que sem mais nem menos gostasse de alguém. Tinha um temperamento severo e dominador. Vivia segundo normas próprias e nunca as mudava. Todos os anos, com a chegada da primavera, invariavelmente instalava no pátio nossa tenda de nômade, adquirida por meu pai quando ele era jovem, e fumegava-a

com zimbro. Ela nos educava num sóbrio amor pelo trabalho e no respeito pelos mais velhos. Exigia de todos os membros da família uma obediência absoluta.

E Djamiliá, desde que entrou em nossa casa, não parecia ser o que se esperava de uma nora. Sem dúvida, respeitava os mais velhos e obedecia-lhes, porém nunca baixava a cabeça diante deles, mas, em compensação, não fazia comentários maliciosos às suas costas, como outras recém-casadas. Sempre dizia diretamente o que pensava e não temia expressar suas opiniões. Minha mãe freqüentemente a apoiava, concordava com ela, ainda que sempre reservasse para si a palavra decisiva.

Acho que ela se identificava com a retidão e eqüidade de Djamiliá e no íntimo imaginava-a sua sucessora, uma *baibitché* poderosa, guardiã do foco familiar.

— Agradeça a Alá, minha filha, — repetia-lhe minha mãe, — pois você entrou numa casa sólida, abençoada. É a tua felicidade. A felicidade da mulher é pôr filhos no mundo e ter abundância na casa. Graças a Deus, tudo que nós, velhos, adquirimos será teu, pois é claro que não vamos levar nada para o túmulo. Mas só é feliz quem conserva a honra e a consciência. Lembre-se disso e cuide-se!..

No entanto, nela havia alguma coisa que perturbava os sogros: uma alegria muito franca, de criancinha. Às vezes se punha a rir muito alto, alegre e sem motivo aparente. Voltando do trabalho não entrava simplesmente, corria pelo pátio e atravessava num salto o canal de irrigação. Também sem nenhum motivo beijava e abraçava ora uma, ora a outra sogra.

E mais, Djamiliá gostava de cantar — estava sempre cantarolando qualquer coisa, sem se envergonhar dos mais velhos. É claro que estas atitudes não condiziam com a imagem que o *aíl* fazia do comportamento de uma nora em

família, mas as duas sogras tranqüilizavam-se com a idéia de que Djamiliá assentaria com o tempo: porque na juventude, todas são assim. Para mim não havia no mundo ninguém melhor que ela. Éramos muito alegres juntos, podíamos rir sem qualquer motivo e correr um atrás do outro no pátio.

Djamiliá era muito bela. Corpo sólido, mas gracioso; cabelos lisos e fortes, arrumados em duas tranças densas e pesadas; o lenço branco enrolado com habilidade, um pouco enviesado na fronte lhe caía muito bem, ressaltando a pele morena do rosto. Quando ria, as amêndoas de seus olhos negro-azulados inflamavam-se com um ardor jovem e quando, de repente, começava a cantar as coplas maliciosas do *aíl*, surgia em seu belo olhar um brilho nada virginal.

Eu notara a freqüência com que os *djiguíti,* principalmente os que voltavam do *front,* observavam-na. A própria Djamiliá gostava de brincar, mas, na realidade, mantinha na linha os que se excediam. Mesmo assim, isto sempre me aborrecia. Eu tinha os ciúmes dos irmãos mais novos pelas irmãs e se percebesse rapazes perto de Djamiliá procurava logo interferir. Eu me eriçava e olhava-os com tamanho ódio, como se meu olhar dissesse: "Não venha grasnar aqui. É mulher do meu irmão e não pense que está desprotegida!"

Nesses momentos, com um atrevimento deliberado, a propósito ou não, entrava na conversa, procurava ridicularizar os cortejadores, e quando fracassava, perdia o autocontrole e ficava bufando e fungando.

Os rapazes sacudiam-se de rir.

— Ora, vejam só! Pelo jeito, ela é a *djené* dele, que engraçado, e a gente não sabia!

Tentava me conter, mas as orelhas ardiam traiçoeiras

e lágrimas de vergonha enchiam-me os olhos. Djamiliá, minha *djené*, me entendia. Esforçando-se para conter o riso, mantinha uma expressão séria.

— E vocês pensavam que as *djené* estão sobrando no caminho? — disse uma vez aos *djiguíti*, com valentia. Pode ser norma entre vocês, mas não aqui! Vamos embora, meu *kaini*, e vocês não me amolem! Pavoneando-se diante deles, Djamiliá sacudiu a cabeça com orgulho, encolheu os ombros arrogante e enquanto se afastava comigo, sorria calada.

Percebi despeito e alegria neste olhar. É possível que estivesse pensando: "Quanto a você, bobinho, se eu quiser fazer a minha vontade, quem vai me segurar? Nem que toda a família me espione!" Nestas situações, sentindo-me culpado, eu me calava. Sim, eu tinha ciúmes de Djamiliá, adorava-a, orgulhava-me que fosse minha *djené*, orgulhava-me de sua beleza e do seu caráter livre, independente. Éramos amigos íntimos e não escondíamos nada um do outro.

Naquela época, no *aíl* havia poucos homens. Aproveitando-se disso, alguns rapazes eram insolentes com as mulheres, tratando-as com desdém: para que lengalenga com elas, basta levantar um dedo que qualquer uma vem correndo.

Certa vez, no corte do feno, Osmón, nosso parente distante, começou a importunar Djamiliá. Também era dos que se consideravam irresistíveis. Djamiliá afastou-lhe a mão com hostilidade e levantou-se da sombra do monte de feno, sob o qual descansava.

— Afaste-se — disse com mau humor e virou-lhe as costas. — O que mais se poderia esperar de vocês, seus garanhõezinhos!

Osmón, deixando-se cair sob o monte de feno, torceu com desprezo os lábios úmidos.

— Para o gatinho a carne inacessível cheira mal... Sem dúvida que a deseja até a morte, mas se faz de rogado e até torce o nariz.

Djamiliá devolveu com rispidez.

— Talvez até queira! Mas esta é a nossa sorte e você, idiota, fica rindo. Serei mulher de soldado por cem anos, mas num tipo como você não quero nem cuspir, é repugnante. Não fosse pela guerra, eu gostaria de ver quem sequer te olharia!

— Mas eu te digo! Estamos em guerra e você vai ficar doida sem a *kamtcha* do teu marido! — Osmón deu uma risadinha. — Ah, se você fosse minha mulher, seria outra canção.

Djamiliá estava a ponto de saltar sobre ele, queria dizer algo, mas calou entendendo que não valia a pena. Encarou-o com um demorado olhar de ódio. Depois, cuspiu com nojo, pegou seu forcado do chão e foi embora.

Eu estava num *majar*(1) por trás de uma pilha de feno. Quando me viu, Djamiliá bruscamente virou para um lado. Ela compreendia o meu estado. Eu tinha a sensação de ter sido eu o ofendido e não ela, que justamente eu tinha sido coberto de vergonha. Amargurado, reprovei-a:

— Por que você dá atenção a estes tipos, por que você conversa com eles?

Djamiliá ficou carrancuda e sombria o resto do dia. Não conversava comigo e não sorria como antes. Quando conduzi o *majar* até ela, a fim de não me dar chance de lhe falar sobre aquela terrível ofensa, que ela ocultava no íntimo, espetou num ímpeto o forcado no monte e

1. Carroça de duas rodas

erguendo-o inteiro num só movimento, levou-o para sua frente, escondendo o rosto por trás dele. Ela atirava uma pilha de feno sobre a carroça e imediatamente se dirigia para outro monte. A carroça logo ficou cheia. Distanciando-me, virava-me e via como Djamiliá parava um instante, quando se apoiava na empunhadeira do forcado, pensando em alguma coisa e a seguir, recompondo-se, retomava o trabalho.

Quando o último *majar* terminou de ser carregado, Djamiliá, absorta, ficou longamente olhando o pôr-do-sol. Lá, além do rio, em algum lugar na estepe cazaque, flamejava o lânguido e vesperal sol da ceifa como a boca incendiada de um *tandir* (1). Afundando lentamente no horizonte e ensangüentando com um clarão as nuves inconsistentes no céu, lançava seus últimos reflexos na estepe lilás, já coberta nas baixadas pelo azul das trevas precoces. Djamiliá observava o crepúsculo com um enlevo tão suave, como se vislumbrasse uma aparição fantástica. O rosto brilhava com meiguice e os lábios entreabertos sorriam suavemente, de um modo infantil. E então, Djamiliá, como respondendo às minhas recriminações não formuladas, que ainda estavam na ponta da minha língua, virou-se e começou a falar num tom de quem continua uma conversa:

— E você, não pense mais nele, *kitchinê balá,* não lhe dê atenção! Isso é gente?.. — Djamiliá calou-se, acompanhando um suspiro, continuou pensativa: — Saberá gente como Osmón, o que se passa na alma do homem? É coisa que ninguém sabe... Talvez não haja no mundo homem que compreenda isto.

1. Forno de barro com uma abertura redonda.

Enquanto eu reconduzia os cavalos, Djamiliá teve tempo de correr até as mulheres que trabalhavam ao nosso lado e já me atingiam suas altas vozes alegres. É difícil dizer o que se passava com ela, — talvez sua alma se iluminara quando olhou o crespúsculo, talvez, simplesmente se alegrara por ter trabalhado bem. Sentei-me sobre um grande monte de feno no *majar* e olhei para Djamiliá. Ela retirara o lenço branco da cabeça e corria atrás de uma amiguinha pelo campo ceifado e ensombrecido, abrindo amplamente os braços. A barra do seu vestido tremia ao vento. De repente, minha mágoa desapareceu: "Valerá a pena pensar na tagarelice de Osmón?"

— Oh, oh, vamos, — estimulei, chicoteando os cavalos.

Naquele dia, conforme a recomendação do chefe, decidi esperar que meu pai me cortasse os cabelos, e até lá, fiquei respondendo à carta de Sadik. Também nisso tínhamos nossas normas: meus irmãos endereçavam suas cartas a meu pai, o carteiro as entregava à minha mãe, ler e responder era tarefa minha. Antes de ler, já sabia de antemão o que Sadik tinha escrito. Todas suas cartas eram semelhantes, como ovelhas num rebanho. Sadik sempre iniciava com as palavras "Mensagem sobre a saúde" e prosseguia sem variação: "Envio pelo correio esta carta a meus parentes, que vivem no perfumado e florescente Talás, ao muitíssimo estimado e amado pai Djoltchubái..." Mais adiante vinha minha mãe, depois a mãe dele e a seguir todos nós, numa ordem rigorosa. Em continuidade seguiam-se as infalíveis perguntas sobre a saúde e o bem-estar dos *aksakáli* (1) do clã, dos parentes próximos e somente no

1. Literalmente "barba branca", os anciães do *ail.*

finalzinho, meio às pressas, Sadik acrescentava: "Envio também lembranças à minha mulher Djamiliá..."

Naturalmente, enquanto vivessem o pai e a mãe, prosperassem os *aksakáli* e os parentes próximos, estava fora de questão, para não dizer impróprio, mencionar primeiro a mulher e menos ainda endereçar-lhe as cartas. Assim considerava não apenas Sadik, mas todo e qualquer homem respeitável. Nem havia o que questionar — era um fato estabelecido no *aíl*, não despertava nenhuma discussão e nem sequer pensávamos que pudesse ser de outro modo. — Toda carta era um acontecimento alegre e desejado.

Minha mãe fazia-me reler a carta várias vezes, depois, com piedosa devoção, tomava-a em suas mãos enrugadas, segurando a folha muito desajeitadamente, como um passarinho prestes a escapar. Finalmente, mexendo com dificuldade seus dedos entorpecidos, dobrava-a num triângulo.

— Ah, meus queridos, vamos guardar suas cartas como um talismã! — murmurava com a voz embargada pelas lágrimas. — Ele pergunta como estão o pai, a mãe, a família... O que pode nos acontecer, se estamos em casa. Mas, o que se passa com vocês? Enviem-nos uma simples palavrinha, dizendo que estão vivos, e basta, não precisamos de mais nada...

Minha mãe ficaria ainda olhando o triângulo demoradamente, depois o colocaria num saquinho de couro, onde guardava todas as cartas e o trancaria no cofre.

Se Djamiliá estivesse em casa nessa hora, também lhe dariam a carta para ler. Sempre que ela tomava nas mãos o triângulo, eu notava como ela enrubescia. Lia mentalmente, com avidez, olhos apressados percorrendo as linhas. Aproximando-se do final, seus ombros abaixavam-se mais e mais e o fogo de suas faces ia se extinguindo lentamente.

Franzia as sobrancelhas retas e sem terminar de ler o final, entregava a carta à minha mãe com uma indiferença tão fria, como devolvendo algo emprestado.

À sua maneira, minha mãe compreendia o estado de espírito da nora e procurava reconfortá-la.

— Mas o que é isto? — dizia, fechando o cofre. — Ao invés de se alegrar, fica toda abatida! Será que só você tem marido na guerra? Você não está sozinha na desgraça. — O mal é de todo o povo, por isso aprenda a suportar com o povo. Você pensa que há mulheres que não se aborrecem, que não sentem falfa dos maridos... sinta falta, mas não dê a perceber, esconda!

Djamiliá calava-se. Mas seu olhar melancólico e obstinado parecia dizer: "A senhora não entende de nada, mãezinha!"

Também desta vez, a carta de Sadik chegou de Saratov. Lá, ele estava num hospital. Escreveu que no outono, graças a Deus, voltaria para casa, devido ao ferimento. Já tinha informado isso numa carta anterior e todos nos alegramos com a proximidade do encontro.

Naquele dia, porém, não permaneci em casa, mas fui à eira. Ali, costumava passar as noites. Na luzerneira desatrelei os cavalos e os prendi. O presidente do colcós não permitia que ningém apascentasse o gado ali, mas, para que meus cavalos estivessem em bom estado, violei a proibição. Eu conhecia na baixada um lugarzinho retirado, no qual, à noite, ninguém poderia notar nada, mas desta vez quando desatrelei os cavalos e os conduzia, percebi que alguém já tinha colocado na luzerneira quatro cavalos. Isto me indignou. Sendo responsável por uma carroça e dois cavalos tinha o direito de me indignar. Sem hesitação, decidi expulsar os cavalos para uma distância qualquer e dar assim uma lição ao impertinente, que invadiu meu terri-

tório. Mas, de repente, reconheci os dois cavalos de Daniiar, o mesmo de quem o chefe de brigada me falara à tarde. Lembrei-me de que a partir do dia seguinte estaríamos juntos transportando cereais para a estação. Por isso, deixei seus cavalos em paz e retornei à eira.

Acontece que Daniiar estava lá. Tinha acabado de lubrificar as rodas de sua carroça e naquele momento apertava os parafusos dos eixos.

— Daniké, são teus cavalos que estão na baixada? — perguntei-lhe. Daniiar virou lentamente a cabeça.

— Dois são meus.

— E o outro par?

— São de, como é o nome dela, Djamiliá, não é mesmo? Os cavalos são dela. O que ela é tua, precisamente? *djené?*

— Sim, minha *djené.*

— Foi o próprio chefe quem òs colocou ali. Pediu-me também para cuidar deles...

Ainda bem que não os enxotei!

A noite caía, e a brisa noturna, que soprava da montanha, arrefecia. Também na eira tudo se acalmava. Daniiar acostou-se sobre um monte de palha perto de mim, mas pouco depois levantou-se e foi em direção ao rio. Parou sob uma escarpa próxima, onde se deixou ficar, com as mãos às costas e a cabeça um pouco inclinada sobre o ombro. Estava de costas para mim. Sua longa figura angulosa, como esculpida a machado, destacava-se nitidamente à luz branda do luar. Ao que parece, ouvia solícito os ruídos do rio, cada vez mais distintos nas corredeiras, com a noite crescente. Ou, quem sabe, prestasse atenção a não sei que sons e ruídos noturnos inacessíveis para mim. "Deve ter pensado em passar outra vez a noite na margem do rio. Que excêntrico!" — sorri ao pensar.

Daniiar surgira recentemente no *aíl*. De repente, durante a ceifa, um garotinho veio correndo avisar da chegada de um soldado ferido, que ele não sabia quem era nem de onde viera. Que excitação foi aquilo! Era o que sempre acontecia: um soldado qualquer voltava do *front* e todos, do primeiro ao último, velhos e pequenos, corriam em bloco para ver o recém-chegado, apertar-lhe as mãos, perguntar-lhe se não tinha visto os parentes e saber das novidades. A gritaria era indescritível e cada um conjeturava: não será nosso irmão ou o pai do nosso genro? E os ceifadores corriam a toda pressa para se informar.

Ficamos sabendo que Daniiar nascera no *aíl*, originalmente era nosso conterrâneo. Alguém contou que ele ficou órfão na infância e começou, por volta dos três anos, a perambular de casa em casa até tomar o rumo dos cazaques da estepe de Tchakmaksk — seus parentes de linha materna eram dali. Como não havia entre nós parentes próximos que o recebessem de volta, o menininho logo foi esquecido. Quando lhe perguntavam como tinha vivido desde então, Daniiar respondia com evasivas. No entanto, podia-se compreender que ele sorveu, além da conta, sua taça de amarguras e, à saciedade, conheceu o destino do órfão. A vida fez Daniiar rolar por paragens diversas como *pieriekati-pólie* (1). Durante um longo tempo pastoreou ovelhas nos terrenos salíferos do Tchakmaksk e, quando cresceu, cavou canais nos desertos, trabalhou nos novos colcóses algodeiros e depois nas minas de Agrién, perto de Tachkent, de onde partiu para o exército.

Nosso povo aprovou o retorno de Daniiar ao *aíl*. "Não importa quanto tenha vagado por terras estranhas, pois

1. Planta das estepes, cujas flores se destacam e rolam pela terra.

voltou — seu destino é mesmo beber a água do *arik* natal. Ele nem esqueceu o idioma, fala até bem, apesar de usar, às vezes, palavras cazaques".

"Tulpar (2) reencontrará seu rebanho até no fim do mundo". Quem não é atraído pela sua pátria, pelo seu povo?! Ótimo que tenha retornado. Estamos satisfeitos e também as almas dos teus antepassados. Com a graça de Deus, vamos esmagar os alemães, viveremos em paz e você, como os demais, constituirá família e da tua lareira também se elevará uma fumacinha!" — diziam os velhos *aksakáli*.

A partir dos ancestrais de Daniiar, eles determinaram seu clã com exatidão. Dessa forma, apareceu no *ail* um "novo parente" — Daniiar.

E foi assim que Orosmát trouxe-nos para ajudar na ceifa este soldado alto, um tanto encurvado, que coxeava um pouco da perna esquerda. Com o casaco jogado sobre o ombro, caminhava com movimento bruscos, procurando não se atrasar ao passo esquipado e saltitante da eqüina aarracada do chefe. Ao lado do esguio Daniiar, o próprio Orozmát, pequeno e ágil, lembrava de certo modo uma inquieta galinhola de rio. Fazia os meninos rirem.

Daniiar não servia para ceifador, pois sua perna ferida, ainda não totalmente cicatrizada, não lhe permitia dobrar o joelho. Por isso, foi indicado para trabalhar com os meninos nas máquinas secadoras de feno. Direi honestamente, ele não nos agradava muito. Antes de mais nada, não ficávamos à vontade com sua reserva. Daniiar falava pouco e quando o fazia, sentia-se que ao mesmo tempo pensava em algum outro assunto, como se tivesse, sabe-se lá quais, seu próprios pensamentos, e você nunca sabia

1. Corcel legendário.

se ele estava te vendo ou não, ainda que te olhasse diretamente no rosto com olhos pensativos e sonhadores.

— Pobre rapaz, percebe-se que ele ainda não se recuperou do *front!* — dizia-se dele.

Que interessante! Apesar do seu caráter constantemente introspectivo, Daniiar trabalhava rápido e com precisão e, à primeira vista, podia-se pensar que fosse um homem aberto e sociável. Será que a dura infância de órfão lhe ensinou a esconder as emoções e os pensamentos e produziu tamanha reserva? É muito possível!

Seus lábios finos com vincos duros nos cantos estavam sempre estreitamente cerrados, os olhos eram tristes e calmos, somente as sobrancelhas suaves e flexíveis davam vivacidade ao rosto magro, sempre cansado. Às vezes, ele ficava alerta como se ouvisse algo inaudível para os demais e então suas sobrancelhas e olhos acendiam-se num entusiasmo incompreensível. Depois ele sorria longamente e alegrava-se por um motivo desconhecido. A todos nós, isto parecia estranho. Não apenas isto — ele tinha também outras peculiaridades. À noitinha, desatrelávamos os cavalos, reuníamo-nos na tenda e esperávamos que a cozinheira preparasse nossa comida enquanto Daniiar escalava o posto de sentinela (1) e permanecia lá até escurecer. completamente.

— O que será que ele faz ali, estará de guarda? — dizíamos rindo.

Uma vez, por curiosidade, também escalei o posto, seguindo Daniiar. Não havia ali nada de especial. A estepe, lilás ao crepúsculo, estendia-se amplamente até as proxi-

1. Embora na época se usassem mais como postos, os locais respectivos conservavam o nome.

midades da linha de montanhas. Os campos escurecidos e confusos pareciam se fundir lentamente no silêncio.

Daniiar nem sequer notou minha chegada; estava sentado, abraçando os joelhos e olhando para um ponto qualquer com um olhar pensativo, mas brilhante. Novamente tive a impressão de que ele se concentrava em sons que não atingiam meus ouvidos. Às vezes, punha-se alerta e imóvel, com os olhos esbugalhados. Alguma coisa o oprimia e cheguei a pensar que ele iria se levantar e abrir sua alma, não para mim, que ele não notara, mas para algo de imenso, inabarcável, que eu desconhecia. A seguir olhei-o e não o reconheci: Daniiar estava sentado, desanimado e indolente, como se apenas descansasse após o trabalho.

Os campos de feno do nosso colcós estão espalhados pelos prados alagadiços do rio Kurkureú. Perto de nossa região, o Kurkureú despenca de um desfiladeiro e corre pelo vale numa torrente raivosa e desenfreada. A época da ceifa coincide com a cheia dos rios de montanha. Desde a noite a água começava a subir, turva e escumante. À meia-noite eu era despertado na choça pelo poderoso estremecimento do rio. Uma noite azul e assentada espiava através das estrelas o interior da choça; um vento gelado soprava em ráfagas; a terra dormia e apenas o estrondoso rio parecia avançar ameaçador contra nós. Não estávamos muito perto da margem mas, com a noite, podia-se sentir a água tão próxima que involuntariamente o medo se apossava de mim: e, se de repente a choça for derrubada, inundada? Meus camarádas dormiam o sono impertubável dos ceifadores, mas eu não podia dormir e saí para o ar livre.

Nos alagados do Kurkureú a noite é bela e terrível. As manchas negras dos cavalos atados podiam ser vistas aqui e ali no prado. Eles pastaram à vontade no capim orvalhado e agora, refocilando ocasionalmente, ficavam ligeiramente adormecidos. Ao lado, vergando um salgueiro molhado e fustigado com dureza, correndo sobre a margem, o Kurkureú rola pedras, com um ruído surdo. O rio infatigável enche a noite com um barulho frenético, tempestuoso. É apavorante, terrível.

Nestas noites eu sempre me lembrava de Daniiar. Habitualmente, ele adormecia num monte de feno bem junto à margem. Sentiria pavor? Nem ao menos ensurdecia com o barulho do rio? Estaria dormindo? Por que passa a noite solitário, junto ao rio? O que procura com isso? Homem estranho — não é desse mundo! Onde estará agora? Observo os arredores e não vejo ninguém. As margens se perdem na distância como colinas suaves e no escuro divisam-se as cristas das montanhas. Lá, nos picos, tudo é silêncio e estrelas.

No meu entender já era tempo de Daniiar ter feito amizades no *aíl*. Mas, como antes, permanece solitário como se não entendesse as noções de amizade ou inimizade, de simpatia ou ódio. No *aíl*, só era considerado *djiguit* quem sabia se defender e aos demais, alguém capaz de praticar o bem e, às vezes, também o mal, quem não se submetia aos *aksakáli* e tomava iniciativa nas festas e nos banquetes funenários, — estes sim, despertavam a atenção das mulheres.

Mas um homem do tipo de Daniiar, que se mantém à parte, que não se envolve nos assuntos corriqueiros do *aíl*, simplesmente não é notado ou é alguém de quem se comenta, depreciativamente:

— Não fede nem cheira! O infeliz vai vivendo de qualquer jeito. Bem, deixa viver...

Geralmente estes homens são objeto de zombaria ou de piedade. Quanto a nós, adolescentes, sempre querendo aparentar mais idade para sermos tratados como os ver-

dadeiros *djiguíti*, constantemente ridicularizávamos Daniiar, se não na cara, pelo menos entre nós. Ríamos porque ele mesmo lavava sua camisa militar no rio. Depois de lavar, vestia-a ainda úmida, pois só tinha uma.

Coisa estranha! Daniiar parecia tranqüilo e reservado, mas não nos atrevíamos a tratá-lo com familiaridade. Não porque ele fosse mais velho — que diferença faziam três ou quatro anos? Além disso, tratávamos os rapazes da mesma idade sem cerimônia, chamando-os de "você". Nem porque fosse sério ou se desse importância, o que, às vezes, inspira um tipo de respeito. Não era por isso. Alguma coisa de inacessível em sua introspecção silenciosa e soturna afastava-nos, preparados sempre que a ocasião se apresentasse, para zombar de alguém.

Um fato, é possível, motivou nossa reserva. Eu era um garoto muito curioso que freqüentemente importunava as pessoas com minhas perguntas e interrogar os soldados desmobilizados era a minha paixão do momento. Quando Daniiar veio trabalhar conosco, durante a ceifa, eu só esperava a ocasião propícia para tirar alguma informação do recém-chegado.

Certa noite, depois do trabalho, estávamos junto à fogueira, comendo e descansando tranqüilamente.

— Daniké, conte alguma coisa da guerra, antes que a gente vá dormir, — pedi.

Inicialmente, Daniiar não disse nada e até parecia ter se ofendido. Olhou o fogo longamente, depois ergueu a cabeça e nos fitou.

— Da guerra, você diz? — perguntou como se respondesse às suas próprias reflexões e acrescentou numa voz surda: — Não, é melhor para vocês não saberem da guerra!

A seguir, virou as costas, pegou uma braçada de ervas

secas e, após lançá-las na fogueira, começou a avivar o fogo, sem olhar para nenhum de nós.

Daniiar não disse mais nada. Mas, em sua frase mesmo curta deixou claro que não se pode falar da guerra tão despreocupadamente — não é uma fábula para aguardar o sono. A guerra congelou-se como sangue no fundo do coração humano e contar casos dela não é fácil. Senti vergonha de mim mesmo. E nunca mais lhe perguntei sobre o assunto.

Entretanto, só isto não era suficiente para que ele fosse respeitado. Aquela noite logo foi esquecida assim como o *ail* logo perdeu o interesse pelo próprio Daniiar. Sua insociabilidade e reserva provocavam nas pessoas a indiferença ou simplesmente um sentimento de comiseração.

— Ele não tem casa, pobrezinho, — diziam dele. — Ainda bem que pode comer no colcós senão teria que mendigar... Tão calmo, inofensivo, como um cordeiro!

Aos poucos as pessoas se habituaram com o gênio de Daniiar e depois, deixaram de notá-lo de vez. Quem sabe se não é assim mesmo que deve ser: um homem que não se destaca por nada, aos poucos é esquecido.

No dia seguinte, pela manhã, Daniiar e eu levamos os cavalos à eira, no exato momento em que Djamiliá chegava. Ainda de longe, vendo-nos, ela gritou:

— Ei, *kitchinê balá*, traga meus cavalos para cá! Onde estão meus arreios? — e, como se nunca tivesse feito outra coisa na vida, pôs-se com eficiência a inspecionar as carroças, verificando a pontapés se as buchas das rodas estavam bem ajustadas.

Quando nos aproximamos a cavalo, nossa aparência deve ter-lhe parecido divertida. As longas pernas magras de Daniiar balançavam-se quase prestes a se desprender

das botas de pano-couro de canos enormes. E eu estimulava o cavalo com meus calcanhares nus e curtidos em ponto de pretume.

— Que belo par! — Djamiliá abanou alegremente a cabeça. E, sem perda de tempo, começou a dar ordens: — Ânimo! Temos que atravessar a estepe antes da canícula!

Ela agarrou os cavalos pelas rédeas, levou-os com segurança até a carroça e começou a atrelá-los. E enquanto ela mesma atrelava, pediu-me apenas uma vez para mostrar como ajustar os arreios. Não prestava atenção em Daniiar, como se ele absolutamente não existisse.

Percebia-se que o espírito de decisão e a autoconfiança, até mesmo provocadora de Djamiliá, espantaram Daniiar. Com hostilidade, mas ao mesmo tempo, com uma secreta admiração, ele a observava, apertando firmemente os lábios. Quando, em silêncio, ele ergueu da balança um saco de grãos e o trouxe até a carroça, Djamiliá descarregou nele:

— Você está pensando que é cada um por si? Não, meu amigo, assim não dá certo! Vamos, dê-me a mão! Ei, *kitchinê balá*, o que você está olhando, suba na carroça e empilhe os sacos!

A própria Djamiliá agarrou a mão de Daniiar e, quando juntos, com as mãos entrelaçadas, levantaram um saco, ele, coitado, enrubesceu de confusão. E depois, toda vez que eles erguiam um saco, apertando-se fortemente as mãos e as cabeças quase se tocando, eu percebia o embaraço torturante de Daniiar, como ele mordia intensamente os lábios, como se esforçava em não olhá-la no rosto. Djamiliá parecia nem sequer notar seu parceiro, ocupada em trocar gracejos com a mulher da balança. Depois, quando as carroças já estavam carregadas e pegamos nas rédeas, Djamiliá dando uma piscadela brejeira, disse entre risos:

— Ei, você, como se chama mesmo? Daniiar, não é? Já que pelo visto você é o homem, vá na frente e abra a marcha!

Daniiar, sempre calado, arrancou aos solavancos. “Oh, pobre diabo, e ainda por cima você é tímido” — pensei.

Tínhamos um longo trajeto, cerca de vinte quilômetros pela estepe e depois através do desfiladeiro até a estação. Havia um ponto positivo: da partida até a chegada, durante todo o tempo, a estrada descia a montanha; não era penoso para os cavalos.

Kurkureú, o nosso *aíl*, estendia-se nas encostas das Montanhas Grandes alcançando as Montanhas Negras. Até a entrada do desfiladeiro ele ficava sempre visível, com seus bosques espessos e escuros.

Só conseguíamos realizar uma viagem por dia. Saíamos de manhã e chegávamos à estação depois do meio-dia.

O sol ardia implacável e na estação havia um tumulto que dificultava a passagem: carroças e *majári* repletos de sacos, vindos de todo o vale, mulas e bois trazendo suas cargas dos distantes colcóses das montanhas. Conduziam-nos menininhos e mulheres de soldados, enegrecidos, em roupas descoradas, com pés descalços e fendidos pelas pedras e os lábios rachados em sangue, devido ao calor e à poeira.

Nos portões do “Zagotzerno” (1) pendia uma faixa: “Cada espiga de milho — para o *front!*” No pátio a lufa-lufa, o tropel e os gritos dos condutores eram indescritíveis. Ao lado, por trás de um muro baixo, uma locomotiva que manobrava, lançando espessas nuvens de vapor quente, fazia cheirar uma escória nauseante. Os trens passavam ao lado com um barulho ensurdecedor. Camelos

1. Sigla de Posto de estocagem de grãos.

relutantes em se erguer do solo, bramiam dilacerando as goelas babosas, com ódio e desespero.

No centro de recepção, sob um telhado de ferro escaldante, havia montanhas de grãos. Os sacos deviam ser carregados por um pranchão de tábuas até o alto, bem abaixo do teto. Um bafo sufocante de trigo e a poeira cortavam a respiração.

— Ei, você, rapaz, olha teu passo! — urrava de baixo um recepcionista com olhos injetados de sono. — Leve para cima, bem para cima! — Erguia um punho ameaçador e explodia em insultos.

Mas por que ele insulta? Nós já sabemos para onde levar e não há dúvida que estamos levando. E este grãozinho nós estamos trazendo em nossos ombros desde o campo, onde foi cultivado e colhido por mulheres, velhos e crianças, onde neste memo instante, na tórrida estação da colheita, um condutor de segadora-debulhadora debate-se com uma máquina esfrangalhada, que há muito já devia estar aposentada, onde as costas das mulheres estão eternamente curvadas sob foices abrasadas e onde mãozinhas infantis recolhem cuidadosamente cada espiga perdida.

Ainda estou sentindo o peso dos sacos que carreguei nas costas. Trabalho que encurva até os homens mais fortes. É uma subida oscilante pelas tábuas rangentes e fraturáveis do pranchão, apertando fortemente nos dentes a ponta do saco para ajudar a mantê-lo na posição e evitar que caia. O pó irritando a garganta, o peso esmagando as costelas e diante dos olhos, círculos de fogo. E quantas vezes, enfraquecendo no meio do caminho, sentindo como o saco escorregava inexorável das costas, minha vontade era jogá-lo e deslizar com ele escada abaixo. Mas, atrás vem gente. Jovenzinhos da mesma idade, também com sacos ou mulheres de soldados, que têm filhos iguais a mim. Se não fosse pela guerra, será que permitiriam que eles carregassem tais pesos? Não, eu não tinha o direito de recuar quando este mesmo trabalho era feito por estas mulheres.

Eis Djamiliá, que marcha na minha frente com o vestido arregaçado para cima dos joelhos e estou vendo como seus músculos firmes se distendem em suas belas pernas bronzeadas e vejo também com que esforço ela mantém seu corpo flexível, que se curva com elasticidade sob o saco. Às vezes, ela faz uma breve pausa percebendo que eu enfraqueço a cada passo.

— Coragem, *kitchinê balá,* falta pouco!

Mas sua voz é fraca e sem convicção.

Retornando, após ter despejado o grão, encontrávamos Daniiar marchando pelo pranchão no sentido inverso. Claudicando um pouco, mas com passo firme e cadenciado e, como sempre, solitário e taciturno. Alinhando-se conosco, Daniiar lançava um olhar sombrio e pungente para Djamiliá e ela, endireitando as costas, ajeitava o vestido amarrotado. Ele a olhava toda vez de tal maneira, como se fosse a primeira, mas Djamiliá continuava a não percebê-lo.

Pois bem, tudo se passava sempre do mesmo modo: Djamiliá ria dele ou absolutamente não lhe prestava atenção. Tudo dependia do humor dela. Certa vez íamos pela estrada, de repente algo lhe ocorre e ela me grita: "Eia, vamos!". E, ululando e girando o chicote acima da cabeça, lançou os cavalos a galope. Eu a sigo. Ultrapassamos Daniiar, deixando-o numa densa nuvem de pó, que demora para sedimentar. Embora fosse uma brincadeira, não seria qualquer um que suportaria.

Mas, aparentemente, Daniiar não se irritava. Passamos ao lado dele que olhava com sombria admiração para

Djamiliá, gargalhando e ereta sobre a carroça. Voltei o rosto. Daniiar olhava-a, mesmo através da poeira. Havia naquele olhar algo de bom, de tudo perdoar, mas eu ainda advinhava nele uma tristeza obstinada, secreta.

Ele não se alterou uma vez sequer, nem com as brincadeiras, nem com a absoluta indiferença de Djamiliá. Parecia ter jurado suportar tudo. No início ele me dava pena e várias vezes disse a Djamiliá:

— Por que você o ridiculariza, *djené,* se ele não tem maldade nenhuma?

— Ah, não tem! — ria Djamiliá e agitava o braço. — É pura brincadeira, não acontece nada com este gato do mato!

Logo, eu também comecei a zombar e rir dele tanto quanto Djamiliá. Começavam a me inquietar seus olhares estranhos e obstinados. Como ele a observava quando ela erguia um saco às costas! É verdade que naquele alarido e tropel, na agitação de feira do pátio, entre as pessoas enrouquecidas que circulavam, Djamiliá se destacava com seus movimentos precisos e seguros, como se atuasse num espaço amplo.

E não se podia deixar de notá-la. Quando descarregava um saco da carroça, Djamiliá se esticava, arqueava-se, aproximava o ombro e afastava a cabeça de tal modo que descobria seu belo pescoço e suas tranças acastanhadas pelo sol quase tocavam a terra. Daniiar, como por acaso, fazia uma pausa e depois a seguia com o olhar até a porta. Seguramente, ele supunha não ser notado, mas eu observava tudo e isto começava a me desagradar e de certo modo até chocava meus sentimentos: de modo algum podia considerá-lo digno de Djamiliá.

"Imagine só, se até ele a espia o que dizer dos outros!" — todo o meu ser se indignava. E o egoísmo infantil, do

qual ainda não me libertara, explodia num ciúme abrasador. As crianças sempre têm ciúmes dos próximos em relação aos estranhos. E no lugar da piedade por Daniiar eu agora sentia por ele tamanho ódio que experimentava uma alegria maldosa quando alguém o ridicularizava.

No entanto, as peças que pregávamos, Djamiliá e eu, certa vez, terminaram de um modo extremamente aflitivo. Entre os sacos, nos quais levávamos o grão, havia um enorme, de sete *pudes* (1), feito de um grosseiro tecido de lã. Comumente o carregávamos em dupla — era pesado demais para um só. Mas um dia, na eira, decidimos brincar com Daniiar. Jogamos este saco em sua carroça e o cobrimos com outros. No caminho, passamos pelo pomar de não sei quem, numa aldeia russa, colhemos maçãs e continuamos pela estrada rindo: Djamiliá jogava-as em Daniiar. Depois, como de hábito, o ultrapassamos, levantando nuvens de pó. Ele só nos alcançou após o desfiladeiro, no cruzamento com a ferrovia: a passagem estava fechada. A partir daí chegamos juntos à estação, esquecendo completamente o saco de sete *pudes* e só nos lembramos dele quando terminávamos a descarga. Djamiliá tocou-me de lado, travessa, e desviou o olhar para Daniiar. Ele estava de pé sobre a carroça, olhando preocupado para o saco, evidentemente pensando no que fazer com ele. Depois, olhou para os lados e notando como Djamiliá sacudia-se de riso, enrubeceu forte: entendeu do que se tratava.

— Aperte as calças ou vai perdê-las no meio do caminho! — gritou Djamiliá.

Daniiar lançou um olhar inamistoso em nossa direção e nem tivemos tempo de perceber como ele deslocou o saco pelo fundo da carroça, colocou-o na borda, pôs-se por

1. *Pud,* medida equivalente a 16,38 Kg.

baixo, sustentou-o com uma das mãos e, erguendo-o às costas, foi em frente. Inicialmente fingimos que não havia nada de especial naquilo. Os demais certamente nada perceberam: lá vai um homem carregando um saco, como aliás, vão todos. Mas quando Daniiar se aproximou do pranchão, Djamiliá alcançou-o.

— Jogue-o fora, eu só estava bricando!

— Afaste-se! — disse ele distintamente e começou a caminhar pelo pranchão.

— Veja, ele está carregando! — murmurou Djamiliá, como numa justificativa.

Ela ainda ria baixinho, mas seu riso se tornou um tanto artificial, como se ela se forçasse a rir.

Notamos que Daniiar começou a coxear mais fortemente da perna ferida. E como não pensamos um pouco nisso antes? Mesmo agora não posso me perdoar por esta brincadeira imbecil, pois fui eu, estúpido, quem a imaginou!

— Volte! — gritou Djamiliá no meio de um riso sem graça.

Mas Daniiar já não podia voltar: atrás dele vinha mais gente.

Não me lembro exatamente o que houve depois. Vi-o curvado sob o imenso saco, a cabeça inclinada para baixo e os dentes mordendo o lábio. Ia devagar, movendo com cuidado a perna ferida. Cada novo passo evidentemente provocava tamanha dor que ele tinha tremores na cabeça e fazia um segundo de pausa. E quanto mais alto subia pelo pranchão, tanto mais forte oscilava de um lado a outro. O saco o fazia balançar. Eu sentia medo e vergonha a ponto de ter a garganta seca. Tomado pelo horror, com todo meu ser, senti o peso do seu fardo e a dor intolerável em sua perna ferida. Ele vacilou novamente, afastou a cabeça e nos

meus olhos tudo começou a girar e escurecer e a terra a se mover sob meus pés.

Recuperei os sentidos quando alguém me apertou a mão com força, até os ossos. Não reconheci Djamiliá imediatamente. Extremamente pálida, com as pupilas dilatadas nos olhos arregalados e os lábios que continuavam a tremer do riso recente. Então, não apenas nós, mas todos os presentes, incluindo o recepcionista, corremos para o pilar do pranchão. Daniiar deu mais dois passos, querendo ajeitar o saco nas costas e começou a fletir lentamente o joelho. Djamiliá cobriu o rosto com as mãos.

— Jogue fora! Jogue o saco! — gritou ela.

Mas Daniiar por alguma razão não o jogava, apesar de, já há algum tempo, poder fazê-lo deslizar para o lado, sem prejudicar os que vinham depois. Tendo ouvido a voz de Djamiliá, avançou, endireitou a perna, deu mais um passo e vacilou novamente.

— Jogue-o de uma vez, filho de um cão! — começou a berrar o recepcionista.

— Jogue fora! — as pessoas gritavam.

Também desta vez, Daniiar resistiu.

— Não, ele não vai jogar! — Alguém murmurou com convicção.

Aparentemente, todos os que o seguiam no pranchão e os que estavam embaixo compreenderam: ele não jogaria o saco, a menos que se lançasse junto. Havia um silêncio de morte. Por trás do muro, do lado de fora, a locomotiva apitou entrecortada.

Daniiar, oscilando, como em transe, chegou ao alto, sob o abrasador telhado de ferro, fazendo ranger as tábuas do pranchão. A cada dois passos ele fazia uma pausa, perdia o equilíbrio e, de novo, recobrava forças e continuava. Os que o seguiam, procurando acompanhar seu ritmo tam-

bém faziam uma pausa. Isto os esgotava, drenava suas últimas energias, mas ningém se irritava, ningém o insultava. Como se estivessem ligados por um cordão invisível, as pessoas caminhavam com sua carga, como por uma trilha perigosa, escorregadia, onde a vida de cada um dependia da vida do outro. Em seu silêncio solidário e no balanço monótono havia o mesmo ritmo pesado. Um passo, mais um passo atrás de Daniiar e ainda mais um passo. Com que compaixão e prece, em seus dentes cerrados, olhava-o a mulher de soldado, que o seguia imediatamente! Ela própria tinha as pernas cambaleantes, mas rezava por ele. Faltava pouco, a parte inclinada do pranchão terminará logo. Mas Daniiar cambaleia de novo, a perna ferida já não lhe obedece. Certamente cairá se não abandonar o saco.

— Corra! Apoie por trás! — gritou-me Djamiliá e ela mesma, desamparada, estendeu as mãos, como se desse modo pudesse ajudá-lo.

Subi correndo pelo pranchão. Abrindo caminho entre as pessoas e os sacos, alcancei-o. Ele olhou-me por baixo do cotovelo. Em sua fronte enegrecida e úmida de suor as veias intumesciam, os olhos injetados de sangue queimaram-me de cólera. Eu queria apoiar o saco!

— Afaste-se! — rouquejou ameaçador e avançou.

Quando Daniiar desceu respirando com dificuldade e coxeando, seus braços pendiam como chicotes. Todos se afastaram em silêncio dando-lhe passagem, mas o recepcionista não se conteve e começou a gritar:

— O que que há, rapaz, endoidou? Será que eu não sou humano, que não permiti que você o despejasse para baixo? Por que você carrega um saco desses?

— O problema é meu, — respondeu Daniiar a meia voz.

Cuspiu de lado e foi para a carroça. Nós não conseguíamos levantar os olhos. Sentíamos vergonha e mal-estar, porque Daniiar tinha levado tão a sério nossa brincadeira estúpida.

Viajamos toda a noite calados. Era o estado natural de Daniiar. Por isso não podíamos compreender se ele estava ofendido ou se já esquecera tudo. Mas aquilo era um peso, a consciência nos martirizava.

De manhã, quando fomos receber a carga na eira, Djamiliá pegou o malfadado saco, colocou o pé numa ponta e o rasgou com estrépito.

— Para a sua aniagem! — lançou o saco aos pés da atônita mulher da balança. — E diga ao chefe que não esconda destes, embaixo, uma segunda vez.

— Qual o teu problema? O que houve com você?

— Nada!

Durante todo o dia seguinte, Daniiar manteve-se equilibrado e taciturno, não demonstrando ressentimento, apenas coxeava mais do que o habitual, especialmente quando carregava os sacos. Era evidente que, desde ontem, a ferida tinha se reavivado intensamente. Isto nos recordava nossa culpa todo o tempo. No entanto, se ele começasse a rir ou brincasse um pouco, seria mais fácil — esqueceríamos nossa desavença.

Djamiliá também fingia que não ocorrera nada de especial. Orgulhosa, ria como sempre, mas, o tempo todo, notei-lhe a falta de naturalidade.

Voltávamos tarde da estação. Daniiar viajava na frente. A noite estava magnífica. Quem não conhece as noites de agosto com suas estrelas distantes e ao mesmo tempo próximas, extraordinariamente brilhantes! Via-se cada uma das estrelinhas. Uma, em especial, como se tivesse as bordas cobertas de geada, toda em cintilações de raiozi-

nhos gelados, olhava do céu escuro para a terra, com uma admiração ingênua. Rodávamos pelo desfiladeiro e eu observei-a demoradamente. Os cavalos, a caminho de casa, trotavam prazerosos e o cascalho rangia sob as rodas. O vento trazia da estepe o perfume penetrante do absinto em flor, o aroma mal captado do trigo maduro e frio, e tudo isto, em mistura com o cheiro do alcatrão e dos arreios dos cavalos, estonteava de leve a cabeça.

De um lado, acima da estrada, pendiam penhascos escuros cobertos de roseiras silvestres e do outro lado, muito embaixo, entre moitas de salgueiros e álamos selvagens, ecoava o estrondo do incessante Kurkureú. De quando em quando, em algum lugar atrás, os trens cruzavam a ponte voando com um barulho penetrante e as batidas de suas rodas os seguiriam muito tempo depois de se perderem na distância.

Era bom viajar com o tempo fresco, olhar os dorsos movediços dos cavalos, ouvir o som da noite de agosto, aspirar seus odores. Djamiliá estava à minha frente. Tendo largado os arreios, olhava para os lados e começou a cantar suavemente. Eu a compreendia — sentia nosso silêncio como um peso. Era uma destas noites em que é impossível ficar calado — ela despertava uma vontade de cantar.

Por isso, Djamiliá cantou. Talvez, também cantasse porque quisesse restabelecer de algum modo o anterior clima direto em nossas relações com Daniiar; queria escorraçar seu sentimento de culpa. Sua voz era sonora, provocante e ela cantava as habituais canções do *ail*: "Agitarei meu lencinho de seda quando você passar" ou "Meu querido partiu para longe". Ela conhecia muitas canções e as cantava com simplicidade e sentimento, de modo que era

agradável ouvi-la. De repente, ela interrompeu a canção e gritou para Daniiar.

— Ei, Daniiar, por que você não canta alguma coisa? Você não é um *djiguit?*

— Cante você, Djamiliá, continue cantando! — ele respondeu confuso, refreando um pouco os cavalos. — Estou te escutando, sou todo ouvidos!

— E você pensa que não temos ouvidos? Ora, se não quer, não precisa! E Djamiliá voltou a cantar.

Quem saberá por que ela pediu-lhe para cantar?! Talvez sem nenhuma intenção, ou, talvez, para atraí-lo a uma conversa. Sobretudo, ela sentia vontade de falar com ele um pouco porque passado um breve tempo, tornou a gritar:

— Diga, Daniiar, você já amou alguma vez? — e pôs-se a rir.

Daniiar não respondeu nada. Djamiliá também se calou.

"Ela procurou a pessoa certa para pedir uma canção" — pensei, sorrindo.

No riacho que cruza o caminho, os cavalos diminuíram a marcha, batendo as ferraduras nas pedras molhadas e prateadas. Quando transpusemos o vau, Daniiar chicoteou seus cavalos e inesperadamente começou a cantar com uma voz constrangida, que estremecia nos barrancos.

Montanhas minhas, azul-esbranquiçadas,
Terra dos meus antepassados!

De repente, titubeou, tossiu, mas os dois próximos versos saíram com uma voz profunda, torácica, em verdade ainda com uma ponta de rouquidão:

Montanhas minhas, azul-esbranquiçadas,
Meu berço...

Aqui, ele se interrompeu de novo, como se temesse algo e calou-se.

Imaginei vivamente seu embaraço. Mas, mesmo nesta canção tímida e intermitente, havia uma certa emoção estranha e a voz devia ser boa, mas, simplesmente era difícil acreditar que fosse de Daniiar.

— Veja só! Não me contive.

Djamiliá até exclamou:

— Mas onde é que você estava antes? Cante! Cante como se deve!

Na frente aparecia uma claridade — era a saída do desfiladeiro para o vale. Dali soprava uma brisa. Daniiar cantou novamente. Ele começou do mesmo jeito tímido, inseguro, mas aos poucos sua voz adquiriu força, tomou conta do desfiladeiro, despertando eco nos rochedos distantes.

O que me surpreendeu mais foi a paixão e o ardor de que a própria melodia estava saturada. Eu não sabia que nome dar àquilo, e mesmo agora não sei, não posso definir com exatidão se era somente a voz ou algo mais importante, que saía da própria alma do homem, algo capaz de despertar no outro a mesma emoção e capaz de animar os pensamentos mais secretos.

Ah, se eu pudesse, de algum modo, reproduzir a canção de Daniiar! Ela quase não tinha palavras e mesmo sem palavras revelava uma grande alma humana. Nem antes, nem depois, jamais ouvi uma canção semelhante: não se parecia com as canções quirguizes nem com as cazaques mas havia nela algo de umas e outras. A música de Daniiar combinava em si as melhores melodias dos dois povos irmãos e as fundia numa canção única, irrepetível. Era uma canção das montanhas e das estepes, tanto que ascendia voando sonora, como as montanhas da Quirguíia e se estendia sem entraves, como a estepe do Cazaquestão.

Eu escutava e ficava cada vez mais surpreso: "Está aí o verdadeiro Daniiar! Quem poderia supor!"

Já viajávamos pela estepe, numa estrada suave, batida, e o canto de Daniiar fluía agora com amplidão; melodias sempre novas se sucediam numa variedade admirável. Como era possível que ele fosse tão rico? O que acontecia com ele? É como se ele apenas estivesse esperando seu dia e sua hora!

E, subitamente compreendi suas estranhezas que despertavam nas pessoas tanto dúvidas como zombarias, sua tendência para a introspecção, o gosto pela solidão, seus silêncios. Compreendi, então, por que ele passava noites inteiras no "posto da sentinela" e por que permanecia solitário, à noite, perto do rio, por que se concentrava constantemente à escuta de sons não captados pelos demais e por que, às vezes, de repente, seus olhos se iluminavam e suas sonbrancelhas, habitualmente taciturnas, moviam-se com leveza de vôo. Era um homem profundamente apaixonado. E estava apaixonado, percebi, não simplesmente por outra pessoa; era um amor de outro tipo, um amor imenso pela vida, pela terra. Sim, ele escondia este amor no seu íntimo, em sua música, vivia em função dele. Um homem indiferente não poderia cantar assim, fosse qual fosse sua voz.

Quando, segundo parecia, a última nota da canção se extinguia, um novo impulso palpitante a ganhava como para despertar a estepe sonolenta. E ela ouvia gratificada o cantor, cujo refrão era-lhe uma carícia familiar. O trigo maduro, amarelo-acinzentado, embalava-se numa ampla corrente, ondulando à espera da colheita e os primeiros brilhos da aurora percorriam os campos. No moinho, uma poderosa coluna de velhos salgueiros farfalhou a folhagem; além do rio, as fogueiras dos acampamentos agríco-

las se apagavam; alguém, como uma sombra, galopava sem ruído ao longo do rio, no lado da vila, enquanto outro desaparecia e reaparecia nos pomares. O vento trazia dali um cheiro de maçãs, do melzinho leitoso do milho em flor e o odor cálido dos *kiziáki* ressecados.

Daniiar cantava demoradamente, esquecido de tudo. A noite encantada de agosto escutava-o com atenção e silêncio. Até os cavalos, há muito, já tinham mudado para um passo cadenciado, como se temessem quebrar esta magia.

Na nota mais alta e aguda, Daniiar suspendeu bruscamente sua canção e, com um grito, chicoteou os cavalos para um galope. Pensei que Djamiliá fosse se precipitar atrás dele e já me preparava para segui-la, mas ela não se moveu. Permaneceu como antes, sentada, a cabeça inclinada sobre o ombro, como se ainda prestasse atenção aos sons que pairavam em algum lugar no espaço. Daniiar partiu e nós não pronunciamos nenhuma palavra até a vila. E seria preciso falar, quando as palavras nem sempre expressam tudo?...

Desde esse dia, parece que algo mudou em nossa vida. Eu, agora, esperava sempre não sei o que de bom, de desejável. Desde a manhã carregávamos na eira, íamos para a estação e ansiávamos por sair dali, o mais rápido possível, para escutar no retorno as canções de Daniiar. Sua voz me deixava alegre, perseguia-me a cada passo: pelas manhãs, corria com ela, através da luzerneira molhada de orvalho, até os cavalos atados, enquanto um sol sorridente deslizava por detrás das montanhas ao meu encontro. Também a ouvia no farfalhar suave da chuva dourada de trigo, lançado pelos velhinhos peneiradores e no gracioso vôo circular de um milhafre, nas alturas acima da estepe, —

em tudo que via ou ouvia, ressoava para mim a música de Daniiar.

De noite, quando passávamos pelo desfiladeiro parecia-me, cada vez, estar sendo transportado para um outro mundo. Escutava Daniiar com os olhos entrecerrados e diante de mim surgiam quadros surpreendentemente conhecidos e familiares desde a infância: ora nuvens tenras azulado-esfumaçadas, passavam voando acima das *iurtas* (1) do acampamento de primavera, em altura de cegonha, ora, como um relâmpago cruzando a terra, soava o tropel e os relinchos de uma manada nos pastos de estio e jovens potros de topetes sem corte, com um fogo negro e selvagem nos olhos corriam orgulhosos e aturdidos em torno das mães; ora, desdobravam-se rebanhos de ovelhas, como uma lava tranqüila nas encostas; ora, uma cachoeira despencava de um rochedo, ofuscando os olhos como o alvor de uma fervura arrepiada; ora o sol baixava suavemente na estepe sobre um tufo de arbustos, além do rio, onde um cavaleiro distante e solitário que parecia persegui-lo na incediada faixa do horizonte, bastando-lhe estender a mão para alcançá-lo, também afundava no mato e no crepúsculo.

...É ampla, a partir do rio, a estepe cazaque. Ela se estende pelas duas vertentes das nossas montanhas, repousando austera e desabitada. Mas, naquele verão memorável, quando estourou a guerra e fogos queimavam na estepe enevoada pela poeira ardente das manadas de cavalos militares, cavaleiros galopavam por todos os lados. Eu me lembro que na margem oposta, um cazaque desenfreado gritou com voz gutural, de pastor:

1. Tendas dos povos nômades da Ásia central.

— Selem os seus cavalos, quirguizes: o inimigo chegou! — e desapareceu adiante, em turbilhões de pó e ondas de mormaço abrasador.

A estepe inteira se ergueu e numa confusão solene e severa nossas primeiras divisões montadas movimentaram-se pelas montanhas e vales. Milhares de estribos soavam e milhares de *djiguíti* observavam a estepe; na vanguarda, sobre hastes, ondulavam bandeiras vermelhas; na retaguarda, por trás da poeira levantada pelos cascos dos cavalos, havia o lamento aflito e grandioso das mulheres e mães, com as testas no solo: "Que a estepe os ajude! Que o espírito de nosso herói Manás os proteja!"

Nos locais, de onde o povo partia para a guerra, restaram sendas amargas...

E a canção de Daniiar descortinou-me todo este universo de beleza terrestre e sofrida. Onde ele aprendeu, de quem ouviu tudo isso? Eu compreendia que só pode amar sua terra dessa forma quem, durante longos anos, sentiu saudades até o fundo do coração, quem sofreu por este amor. Enquanto ele cantava eu o via, menininho, vagando pelos caminhos da estepe. Terá sido então, talvez, que nasceram em sua alma, estas canções sobre o torrão natal? Ou, talvez, quando caminhava pelas verstas incendiadas da guerra?

Ouvindo Daniiar, eu queria lançar-me à terra e, como filho, abraçá-la fortemente, apenas porque um homem podia amá-la tanto. Senti, nessa ocasião, pela primeira vez, que despertava em mim alguma coisa de novo, algo para o qual não tinha ainda palavras, mas que era irresistível, uma compulsão para expressar a mim mesmo, sim, expressar, não somente ver e sentir o mundo por mim mesmo, mas transmitir a outros minha visão, meus pensamentos e sentimentos, descrever para as pessoas a beleza de nossa

terra, tão inspiradamente quanto Daniiar. Um medo inconsciente e uma alegria diante de algo desconhecido faziam-me desfalecer. Eu ainda não compreendia, nessa ocasião, que precisaria pintar.

Eu gostava de desenhar desde a infância. Copiava as ilustrações dos manuais e os meninos me diziam que eram "iguaizinhas". Na escola, os professores também me elogiavam quando eu trazia desenhos para o nosso mural. Depois a guerra começou, meus irmãos foram combater, eu deixei a escola e fui trabalhar no colcós como todos os meus coetâneos. Eu me esqueci das tintas e dos pincéis e não pensava sequer que, no futuro, voltaria a me lembrar deles. Mas os cantos de Daniiar revolveram minha alma. Eu andava como em sonho e olhava o mundo com olhos surpresos, como se visse tudo pela primeira vez.

E Djamiliá, como se modificou de um momento para outro! Como se aquela moça animada, risonha, de língua afiada, nunca tivesse existido. A tristeza límpida da primavera anuviou seus olhos nebulosos. No caminho, ela pensava em alguma coisa, incessante e obstinadamente. Um sorriso vago, meditativo, pousava em seus lábios e algo bom, de que só ela sabia, transmitia-lhe uma alegria calma. Muitas vezes, com um saco nas costas, permanecia imóvel, tomada por uma inexplicável timidez, como se estivesse à frente de uma torrente impetuosa que a deixava em dúvida entre atravessar ou não. Evitava Daniiar, não mais o olhava nos olhos.

Certa vez, na eira, Djamiliá disse-lhe com um desgosto impotente, atormetado:

— Se você tirar a camisa, eu a lavo!

Depois de lavá-la no rio, estendeu-a para secar, sentou-se ela própria ao lado e lentamente, com zelo, alisou-a com as palmas das mãos, examinou ao sol os ombros gastos,

sacudiu a cabeça e tornou a alisar com suavidade e tristeza.

Uma única vez, em todo este tempo, Djamiliá teve um riso alto, contagiante e, como antes, seus olhos brilharam. Um bando barulhento de jovens casadas, moças e *djiguíti* ex-combatentes entraram na eira de passagem, retornando do empilhamento de feno na luzerneira.

— Ei, *baí* (1), vocês não são os únicos que querem comer pão branco! Sirvam-nos também ou as jogaremos no rio! — E os *djiguíti*, brincando, ergueram os forcados.

— Nós não temos medo de forcados! Para as amigas encontrarei o que servir e quanto a vocês, vão procurar por conta própria! — replicou Djamiliá sonoramente.

— Se é assim, todas para a água!

E desse jeito, as moças e os rapazes começaram a se atracar. Com gritos, urros e risos empurravam uns aos outros para a água.

— Atire-os, empurre! — Djamiliá ria mais alto do que todos, escapando rápida e esperta dos atacantes.

Mas, fato curioso, os *djiguíti* pareciam ver apenas Djamiliá. Todos procuravam apanhá-la, estreitá-la nos braços. Até que três rapazes apanharam-na ao mesmo tempo e ergueram-na acima do rio.

— Um beijo, senão jogamos!

— Vamos balançá-la!

Djamiliá se debatia, gargalhava, torcendo a cabeça e entre risos pedia ajuda às amigas. Mas estas corriam ensandecidas pela margem, pescando seus lenços do rio. Sob a gargalhada amiga dos *djiguíti*, Djamiliá voou para a água. Saiu de lá com os cabelos desfeitos e molhados, mas ainda mais bela do que antes. O vestido de chita molhado colou no corpo, acentuando os firmes quadris arredondados e o busto jovem, e ela, sem nada perceber, ria, se sacudia e pelo seu rosto corado corriam filetes d'água.

1. Tendas dos povos nômades da Ásia Central.

— Beije! — insistiam os *djiguíti*.

Djamiliá beijava-os, mas novamente voou para a água e de novo riu, afastando com um movimento da cabeça as pesadas mechas de cabelos molhados.

Na eira, todos se divertiam com o passatempo dos jovens. Os velhinhos peneiradores, jogando as pás, enxugavam as lágrimas e suas rugas nos rostos pardos irradiavam alegria, reencontrando por um instante a juventude. E eu também ria de coração aberto, esquecendo-me desta vez da minha ciumenta obrigação de manter Djamiliá afastada dos *djiguíti*.

Apenas Daniiar não ria. Notei-o por acaso e silenciei. Ele estava sozinho no extremo da eira, com as pernas amplamente apartadas. Pareceu-me que, naquele momento, ele tinha vontade de avançar e tirar Djamiliá das mãos dos *djiguíti*. Observava-a sem desprender dela seu olhar triste e encantado, onde se cruzavam alegria e dor. Sim, sua felicidade e seu sofrimento residiam na beleza de Djamiliá. Quando os *djiguíti* estreitavam-na contra o peito, insistindo que beijasse cada um, ele baixava a cabeça, fazia um gesto de quem vai partir, mas não partia.

Entrementes, Djamiliá também percebeu o rapaz. Imediatamente, interrompeu o riso e baixou os olhos.

— Chega de brincadeira, já basta! — inesperadamente alertou os agitados *djiguíti*.

Alguém ainda tentou abraçá-la.

— Basta! — Djamiliá empurrou o moço, levantou a cabeça e lançou de viés um olhar culpado para Daniiar, após o que correu até os arbustos para torcer o vestido.

Nem tudo era claro para mim nas relações entre eles, se bem que eu, devo reconhecer, temia pensar nisso. Mas,

por um motivo qualquer, sentia-me perturbado quando notava que Djamiliá se entristecia pelo fato de ela mesma evitar Daniiar. Seria melhor que risse como antes e o provocasse. Mas, ao mesmo tempo, eles me inspiravam uma alegria inexplicável, quando, de noite, voltávamos ao *aíl* e ouvíamos as canções de Daniiar.

No desfiladeiro, Djamiliá viajava na carroça, mas na estepe apeava-se e caminhava. Eu também caminhava, pois era melhor andar pela estrada e escutar. De início, cada um andava perto da própria carroça, mas passo a passo, sem que o notássemos, cada vez mais nos aproximávamos de Daniiar. Não sei que força irresistível nos atraía até ele, que vontade de distinguir na escuridão a expressão do seu rosto e dos olhos — seria ele mesmo quem cantava, o insociável e taciturno Daniiar?

E todas as vezes eu notava como Djamiliá, comovida e perturbada, estendia-lhe a mão lentamente, mas ele não o percebia, tinha o olhar fixo em algum ponto distante, no alto, apoiando a nuca com a palma da mão, balançando-se de um lado para outro e a mão de Djamiliá caía sem vontade na borda da carroça. Então ela estremecia, retirava a mão bruscamente e se detinha. Ficava em pé, no meio do caminho, abatida, aturdida, seguindo-o com o olhar por muito tempo e depois retomava a marcha.

Às vezes, parecia-me que Djamiliá e eu estávamos perturbados pelo mesmo e inexplicável sentimento. Seria talvez um sentimento oculto há muito em nossas almas e que, agora, se manifestava.

No trabalho, Djamiliá ainda se distraía, mas nos raros momentos de descanso, quando fazíamos uma pausa na eira, ela ficava inquieta. Vagava entre os peneiradores, resolvia ajudá-los, lançava alto e forte ao vento algumas pás de trigo, depois jogava num ímpeto a pá e se dirigia para

os montes de palha. Ali, sentava-se numa sombra e, como se temesse a solidão, chamava-me:

— Vem cá, *kitchinê balá,* sente-se aqui!

Eu estava sempre na expectativa de que ela fosse me dizer alguma coisa importante, explicar o que a afligia. Mas ela não dizia nada. Calada, olhos fitos na distância, punha minha cabeça em seus joelhos, emaranhando meus cabelos ásperos e afagava-me carinhosamente o rosto com dedos trêmulos e ardentes. Olhando-a de baixo para cima, neste rosto pleno de uma ansiedade vaga e tristeza, parecia reconhecer-me nela. Também a ela, atormentava, se acumulava e, amadurecendo em sua alma, exigia saída. E isto a aterrorizava. Queria com tormento e com o mesmo tormento não queria, simultaneamente, reconhecer que estava apaixonada, do mesmo modo que eu desejava e não desejava que ela amasse Daniiar. Pois, afinal de contas, ela era a nora dos meus pais, mulher do meu irmão.

Mas, tais pensamentos surgiam-me apenas por um instante. Eu os expulsava. Naquela época, para mim, o verdadeiro prazer era ver seus lábios sensíveis puerilmente entreabertos, olhar seus olhos enevoados de lágrimas. Como ela era boa e bela, que inspirada e apaixonada era sua face! Isto era tudo que eu via então, mas não entendia tudo. E mesmo hoje, ainda me pergunto, com freqüência: não será o amor um tipo de inspiração como a do pintor e a do poeta? Olhando Djamiliá dava-me vontade de correr para a estepe, dar um grito, perguntando à terra e ao céu o que fazer, como vencer em mim esta aflição incompreensível e esta alegria igualmente incompreensível. E, às vezes, parecia-me encontrar a resposta.

Como de hábito, voltávamos da estação. A noite já baixara, as estrelas enxameavam o céu em montículos, a es-

tepe se inclinava para dormir e somente a canção de Daniiar, rompendo o silêncio, soava e se espalhava na doce distância enegrecida. Djamiliá e eu o seguíamos.

Mas, desta vez, algo acontecia a Daniiar — seu estribilho era de uma ternura tão suave e penetrante, de uma solidão tamanha, que lágrimas de simpatia e compaixão por ele encheram minha garganta.

Djamiliá caminhava de cabeça baixa, segurando com força a lateral da carroça. Quando a voz de Daniiar voltou a ganhar altura, ela elevou a cabeça, saltou em marcha para a carroça e sentou-se ao lado dele. Estava petrificada, a mão pousada sobre o seio. Eu caminhava ao lado, um pouco adiante, estugando o passo e olhei-os de relance. Daniiar cantava, parecendo não percebê-la ao seu lado. Vi as mãos dela descerem inertes e Djamiliá aconchegar-se a Daniiar, apoiando docemente a cabeça no peito dele. Apenas por um instante, como a interrupção de um esquipador chicoteado, a voz tremeu e a seguir recomeçou a soar com nova força. Ele cantava o amor!

Eu estava tomado pela emoção. A estepe que parecia ter florescido, se alvoroçava, afastando as trevas e na sua amplidão eu vi dois apaixonados. Eles não me percebiam, como se eu nem estivesse ali. Caminhava e observava como eles, esquecidos de tudo, se embalavam juntos no com passo da música. Não os reconhecia. Era o Daniiar de sempre, com a camisa de soldado surrada e desabotoada, mas os olhos pareciam acesos na escuridão. Seria a minha Djamiliá, aconchegada nele, tão doce e tímida, com lágrimas brilhantes nos cílios? Eram pessoas novas, surpreendentemente felizes. Ou será que aquilo não era felicidade? Pois, todo seu imenso amor pela terra natal, que despertara-lhe esta música inspirada, Daniiar ofereceu integralmente a ela, cantava para ela, exaltava-a.

Aquela mesma emoção incompreensível, sempre provocada pelas canções de Daniiar, novamente se apossou de mim. E, de repente, tornou-se claro para mim o que eu queria. Era pintá-los.

Assustei-me com meus próprios pensamentos. Mas o desejo era maior do que o terror. Vou pintá-los exatamente como estão agora, felizes! Exatamente como estão agora! Mas, terei capacidade? Minha respiração estava entrecortada de terror e alegria. Caminhava num alheamento doce e embriagador. Eu também estava feliz porque não sabia quantas dificuldades este desejo atrevido me colocaria no futuro. Dizia-me que era preciso ver a terra do mesmo modo como Daniiar a via. Contarei com cores a canção de Daniiar; também terei montanhas, a estepe, pessoas, as ervas, as nuvens, os rios. Cheguei a pensar naquela hora: "E onde conseguirei as tintas? Na escola não me darão — eles mesmo precisam!" Como se nisto se resumisse tudo.

Inesperadamente, a canção de Daniiar se interrompeu. Djamiliá abraçou-o impetuosa, mas imediatamente recuou, ficou um instante paralisada, jogou-se de lado e saltou da carroça. Daniiar deu um puxão indeciso nas rédeas e os cavalos pararam. Djamiliá estava parada na estrada de costas para ele, depois ergueu bruscamente a cabeça, olhou-o de perfil e mal contendo as lágrimas, disse:

— Mas o que você está olhando? — E, após um pequeno silêncio, acrescentou secamente: — Não fique me olhando, vá embora! — E dirigiu-se para a própria carroça. — E, você, por que fixou os olhos? — atirou-me ela. — Sente-se, pegue as rédeas! Ah, como vocês me aborrecem!

"O que, de repente, deu nela?" — espantei-me, tocando os cavalos. Não valia a pena adivinhar: entende-se que não lhe era fácil, com um marido legítimo, vivo num hos-

pital qualquer de Sarátov. Mas, decididamente, eu não tinha a menor vontade de pensar nisso. Estava aborrecido com ela e comigo mesmo e, talvez, viesse a odiá-la se soubesse que Daniiar não cantaria mais, que eu jamais tornaria a ouvir sua voz.

Um cansaço mortal atacou meu corpo, tinha vontade de chegar o mais rápido possível à parada final e deitar-me na palha. Os dorsos dos cavalos trotando, ondulavam na escuridão, a carroça sacudia intolerável e as rédeas saltavam-me das mãos.

Na eira, tirei não sei como as cangalhas dos cavalos, joguei-as sob a carroça e, dirigindo-me até a palha, atirei-me nela. Desta vez, Daniiar conduziu sozinho os cavalos ao pasto.

De manhã, porém, acordei com uma sensação de alegria na alma. Desenharei Djamiliá e Daniiar. Fechava os olhos e os imaginava, exatamente como os iria representar. Parecia-me que era só pegar o pincel e as tintas e pintar.

Corri para o rio, lavei-me e atirei-me na direção dos cavalos atados. A luzerneira molhada e fria fustigava-me agradavelmente os pés descalços, beliscando a pele rachada das solas, mas isto me agradava. Corria e de passagem observava tudo que se fazia ao redor. O sol emergia por trás das montanhas e um girassol que, por acaso, crescera perto do *arik*, o acompanhava. Centáureas de tufo branco rodeavam-no sequiosas, mas ele permanecia firme, apanhando os raios matinais, interceptando-os delas com suas pequenas línguas amarelas e abeberando sua cesta de sementes, densa, carregada. Aqui, a passagem pelo *arik*, revolvida por rodas e a água se coando nos trilhos formados. Ali, uma ilhota de lilases, que brotaram no meio de um cinturão de menta perfumada. Estou correndo pela minha terra natal e, em cima, andorinhas voam disparadas disputando um primeiro lugar. Ah, se houvesse tintas para pintar os raios do sol, as montanhas branco-azuis, a luzerneira orvalhada e este girassol selvagem, que nasceu junto do *arik*!

Quando voltei à eira, minha disposição colorida imediatamente se ensombreceu. Vi Djamiliá, deprimida e esgotada. Certamente, não dormira de noite, pois tinha olheiras profundas. Não me sorriu nem me dirigiu palavra. Mas, quando o chefe Orozmát apareceu, Djamiliá aproximou-se dele e, sem cumprimentar, disse:

— Retome a carroça! Envie-me para onde quiser, mas para a estação eu não vou mais!

— O que tem você, Djamiliá, será que uma vespa te picou? — disse Orozmát com uma surpresa acolhedora.

— A vespa está debaixo do teu rabo! E nem tente saber por quê! Já falei que não quero e é só!

O sorriso desapareceu do rosto de Orozmát.

— Queira ou não, você vai levar o grão! — disse e golpeou o solo com a muleta. — Se alguém te ofendeu, diga — darei uma muletada na nuca dele! Se não é isso, não banque a boba: é o pão do soldado que você transporta, teu próprio marido está lá! — E, virando-se bruscamente, afastou-se saltitante sobre a muleta.

Djamiliá ficou embaraçada, ruborizou-se e, olhando para o lado de Daniiar, suspirou baixinho. Ele estava um pouquinho distante, de costas para ela e apertando aos trancos o laço da cangalha. Ouviu toda a conversa. Djamiliá permaneceu um momento imobilizada, passando os dedos pelo chicote, depois fez com a mão um gesto desesperado e dirigiu-se para a carroça.

Nesse dia, voltamos mais cedo que de costume. Durante todo o trajeto, Daniiar estimulou os cavalos. Djamiliá estava sombria e silenciosa. E eu, não conseguia acredi-

tar que estava vendo a estepe cinzenta e enegrecida. Ainda ontem estava tão diferente! Era como se eu tivesse ouvido falar dela num conto de fadas e o quadro de felicidade que me despertou a consciência não saía de minha cabeça. Parecia-me que tinha captado não sei que brilhante fatia de vida. Recriava-a em todos os detalhes e isto bastava para me emocionar. Não sosseguei enquanto não subtraí da mulher da balança uma pesada folha de papel branco. Corri para trás de um monte de feno onde, com o coração badalando no peito, coloquei-a sobre uma pá de madeira, bastante aplainada, que no caminho furtei dos peneiradores.

— A bênção, Alá! — murmurei, como disse um dia meu pai, colocando-me pela primeira vez num cavalo e toquei o papel com o lápis. Eram meus primeiros riscos, ainda desajeitados. Mas, quando os traços de Daniiar surgiram na folha, esqueci-me de tudo! Já tinha a impressão que aquela estepe de uma noite de agosto pousava no papel, parecia-me ouvir a canção de Daniiar e ver a ele próprio, com a cabeça inclinada para trás, a camisa aberta e Djamiliá aconchegada em seu peito. Era meu primeiro desenho feito sem orientação: ali estavam a carroça, eles dois, as rédeas jogadas na boléia, os dorsos dos cavalos ondulando na escuridão, a estepe mais adiante, as estrelas longínquas.

Desenhava tão arrebatado que não percebia nada ao redor e só me recobrei quando ouvi uma voz soar sobre minha cabeça:

— Será que você está surdo?

Era Djamiliá. Fiquei desconcertado, enrubesci e não tive tempo de esconder o desenho.

— As carroças há muito já estão carregadas, gritamos uma hora inteira e nada de você! O que está fazendo aqui?...

O que é isto? — perguntou-me e pegou o desenho. — Hum! — Djamiliá levantou com seriedade os ombros.

Eu estava prestes a me afundar na terra. Ela observou demoradamente o desenho, depois ergueu para mim os olhos tristes e úmidos e disse baixinho:

— Dê-me isto, *kitchinê balá*... Vou guardar como lembrança... — E, dobrando a folha ao meio, guardou-a no seio...

Já tínhamos saído para a estrada, mas eu não podia de forma alguma me recompor. Tudo se passava como num sonho. Era difícil acreditar que desenhara algo que se assemelhasse ao que eu vira. Mas, num lugar qualquer, no fundo da alma, crescia um júbilo ingênuo, um quase orgulho e os sonhos, cada qual mais arrojado, mais atraente do que o outro, giravam-me a cabeça. Já queria pintar uma infinidade de quadros variados, não a lápis, mas com tintas. E não punha atenção para o fato de viajarmos muito depressa. Era Daniiar que incitava muito os cavalos. Djamiliá não ficava atrás. Olhava para os lados sorrindo, às vezes, de modo tocante e culpado. Eu também sorria: ela não está mais zangada com Daniiar e comigo e, se pedir, ele cantará hoje...

Desta vez, chegamos à estação bem mais cedo que de costume, porém os cavalos estavam ensopados. Daniiar imediatamente começou a transportar os sacos. Era difícil entender por que estava tão apressado e o que se passava com ele. Quando os trens passavam, parava e acompanhava-os com um olhar pensativo e demorado. Djamiliá também olhava na mesma direção como se procurasse entender o que havia na mente dele.

— Venha cá, uma ferradura está meio solta, ajude-me a retirá-la, — disse, apelando para Daniiar.

Quando Daniiar arrancou a ferradura do casco pren-

sado entre seus joelhos e se erguia, Djamiliá disse à meia voz, olhando-o nos olhos:

— O que você tem, ou não está entendendo?... Será que não há outra mulher no mundo?...

Daniiar desviou os olhos em silêncio.

— Você pensa que para mim é fácil? — suspirou Djamiliá.

As sobrancelhas de Daniiar se elevaram, olhou-a com amor e tristeza e disse algo, mas tão baixo que não consegui ouvir e, depois, caminhou rápido para a carroça, quase satisfeito. Andando, afagava a ferradura. Olhava-o e me sentia perplexo: de que modo as palavras de Djamiliá poderiam tê-lo consolado? Que tipo de consolo pode haver se alguém fala com um suspiro pesado: "Você pensa que para mim é fácil?..."

Nós já tínhamos terminado a descarga e nos reuníamos para voltar quando, no pátio, passou um soldado ferido, magro, de capote surrado, com um saco pendente nos ombros. Poucos minutos antes, um trem parara na estação. O soldado varreu todos os lados com os olhos e gritou:

— Quem aqui é do *ail* Kurkureú?

— Eu sou do Kurkureú! — respondi, refletindo sobre quem seria ele.

— De que família você é, irmãozinho? — o soldado se dirigia a mim, quando viu Djamiliá e se abriu, num sorriso surpreso e alegre.

— Kerim, é você? — exclamou Djamiliá.

— Oi, Djamiliá, irmãzinha! — O soldado correu para ela e apertou-lhe a mão nas suas.

Era um conterrâneo de Djamiliá.

— Mas que sorte! Como se eu já soubesse quando desci aqui! — disse ele todo agitado. — Pois, estive lá pouco com Sadik, estávamos juntos no hospital e, se Deus quiser, mais um mês ou dois ele também voltará. Quando nos despedimos eu lhe disse: escreva uma carta para sua mulher, eu a levarei... Aqui está, receba, sã e salva. — E Kerim estendeu um envelope triangular.

Djamiliá apossou-se da carta, corou, depois empalideceu e olhou cautelosamente Daniiar com o canto do olho. Ele estava sozinho perto da carroça e, como da outra vez na eira, com as pernas amplamente apartadas e com os olhos num desespero completo, olhava para Djamiliá.

Nessa hora, começou a vir gente de todos os lados, logo se descobriram amigos e parentes do soldado, inundando-o de perguntas. Djamiliá nem teve tempo de agradecer pela carta quando, diante dela, passou barulhenta a carroça de Daniiar, que se lançava para fora do pátio, saltando nos buracos e levantando pó na estrada.

— Ficou louco, você! — gritavam atrás dele.

Já tinham levado o soldado para algum lugar. Djamiliá e eu ficamos parados no meio do pátio, olhando os rolos de poeira se perderem na distância.

— Vamos, *djené,* — eu disse.

— Vá embora, deixe-me só! — respondeu-me ela, com amargura.

Assim, pela primeira vez em todo aquele tempo, viajamos separados. O calor sufocante queimava os lábios ressecados. A terra rachada, aquecida, até a incandescência durante o dia todo, parecia agora esfriar, cobrindo-se de uma brancura salgada. E na miragem esbranquiçada e salgada, um sol vacilante e sem forma ondulava no crepúsculo. Lá, acima de um horizonte incerto, reuniam-se nuvenzinhas de tormenta vermelho-alaranjadas. Ráfagas de vento seco depositavam uma poeira branca sobre os focinhos dos cavalos e, sacudindo-lhes pesadamente as crinas,

distanciavam-se, agitando nas encostas os feixes de absintos. "Parece que vai chover!" — pensei.

Que sensação de desconforto, que aflição me invadira! Fustiguei os cavalos que faziam tudo para andar a passo. Inquietas abetardas esquálidas e de pernas longas passavam correndo na direção da ravina. Folhas secas de bardanas do deserto, inexistentes entre nós, trazidas de algum lugar do lado cazaque, pousavam na estrada. O sol desaparecera. Não havia vivalma ao redor. Somente a estepe esgotada pela jornada.

Quando cheguei à eira já estava escuro, silencioso e sem vento. Gritei por Daniiar.

— Ele foi para o rio, — respondeu-me o guarda. — Com este calorzinho todos se dispersaram pelas casas. Sem vento, não há mesmo nada para fazer na eira!

Conduzi os cavalos para o pasto e decidi ir ao rio — conhecia o lugar favorito de Daniiar, perto do barranco.

Ele estava sentado, muito encurvado, a cabeça inclinada sobre os joelhos, ouvindo o rugido do rio ao pé do barranco. Tive vontade de me aproximar, abraçá-lo e dizer-lhe alguma palavra amiga. Mas, o que poderia dizer-lhe? Fiquei ali, num lado, em pé, e logo retornei. A seguir, permaneci um tempão deitado na palha, olhando o céu escurecido de nuvens e pensando: "Por que a vida é tão incompreensível e complicada?"

Djamiliá ainda não tinha voltado. Onde se teria metido? Não tinha sono, apesar de extenuado pelo cansaço. Relâmpagos distantes surgiam acima das montanhas, na profundidade das nuvens.

Quando Daniiar chegou, eu ainda não dormira. Ele vagara sem objetivo pela eira, volta e meia olhando a estrada. Depois se jogou num monte de palha perto de mim. Ele irá embora, agora é que não ficará no *ail.* Mas, para

onde irá? Solitário, sem teto, quem necessita dele? E já meio adormecido, ouvi as batidas lentas de uma carroça chegando. Pelo visto, Djamiliá chegara...

Não me recordo quanto tempo estive dormindo. Apenas ouvi, bem junto ao ouvido, passos farfalharem pela palha, como se uma asa molhada roçasse de leve meu ombro. Abri os olhos. Era Djamiliá. Chegava do rio com o vestido leve, torcido. Parou, olhando inquieta para os lados e sentou-se perto de Daniiar.

— Daniiar, cheguei, eu vim por vontade própria, — disse baixinho.

Ao redor havia calma e um relâmpago silencioso deslizava para baixo.

— Você se ofendeu? Ficou muito ofendido, não é?

Novamente o silêncio. Apenas um bloco de terra afundou no rio com um suave ruído de onda.

— Será que eu sou culpada? Você também não tem culpa...

Um trovão retumbou distante por cima das montanhas. Um raio iluminou o perfil de Djamiliá. Ela olhou ao redor e jogou-se sobre ele. Os ombros tremiam em convulsão sob os braços de Daniiar. Estendendo-se na palha, ela deitou-se ao lado dele.

Um vento inflamado soprou da estepe, turbilhonou a palha, chocou-se contra a abalada *iurta,* que estava no limite da eira e rodopiou pela estrada, obliquamente como um pião. Novamente, riscos azuis agitaram-se nas nuvens; um trovão quebrou-se, com um estrondo surdo. Era simultaneamente aterrador e agradável — uma tempestade se aproximava, a última do verão.

— Terá você pensado que eu fosse te trocar por ele? — murmurou Djamiliá apaixonada. — Nunca, nunca! Ele nunca me amou. Apenas acrescentava uma saudação bem

no final da carta. Não preciso deste amor tardio, digam o que quiserem! Meu querido, solitário, não deixarei você para ninguém! Há muito que te amo. Mesmo quando não sabia, eu te amava e te esperava e você chegou, como se soubesse que eu te esperava!

Raios azuis, em ziguezague afundavam-se seguidamente no rio, sob o barranco. Gotas de chuva oblíquas e frias farfalharam na palha.

— Djamiliam, Djamaltai! — murmurou Daniiar, chamando-a com os nomes mais ternos dos cazaques e dos quirguizes. Também eu te amo há muito tempo, sonhava contigo nas trincheiras, eu sabia que meu amor estava na pátria — é você, minha Djamiliá!

— Vire-se, deixe-me te olhar nos olhos!

A tempestade se desencadeou.

O feltro arrancado da *iurta,* como um pássaro ferido, pôs-se a bater, estalando as asas. A chuva, fustigada por baixo pelo vento, precipitou-se em lufadas tempestuosas, como beijando a terra. Enviesado, através de todo o céu, um trovão desenrolou-se em desabamentos formidáveis. Os lampejos brilhantes dos relâmpagos incendiaram-se nas montanhas como primaveris talos de tulipas. O vento sibilava frenético na ravina.

A chuva vertia enquanto eu continuava deitado, escondido na palha e sentindo o coração nas mãos. Estava feliz. Tinha a sensação de estar vendo o sol pela primeira vez, após uma doença. A chuva e o brilho do raio atingiam-me debaixo da palha, mas eu estava bem, tanto que adormeci sorrindo e sem compreender se eram Daniiar e Djamiliá que murmuravam ou se era a chuva que se acalmava e farfalhava na palha.

Agora virão as chuvas, logo será outono. O ar já está impregnado pelo úmido odor outonal dos absintos e da

palha molhada. O que nos aguarda no outono? Não sei porque, eu não pensava nisto.

Naquele outono, após um intervalo de dois anos, retornei à escola. Depois das aulas, ia com freqüência até a escarpa do rio e sentava-me perto do que fora a eira, atualmente abandonada e deserta. Lá, desenhava meus primeiros estudos com tintas de escolar. Nem tudo saía a contento, mesmo para a minha compreensão da época.

"As tintas são impróprias! Ah, se eu tivesse tintas de verdade!" — dizia-me, apesar de não imaginar como elas deveriam ser.

Só bem mais tarde vim a conhecer as verdadeiras tintas a óleo, em tubinhos de chumbo.

Tintas ou não, em todo o caso os professores, parece-me, estavam certos: para pintar era preciso estudar. Mas não havia tempo para sonhar com estudos. Como sonhar, quando nem sempre havia notícias dos irmãos e minha mãe, jamais na vida, permitiria que partisse seu único filho, *Djiguít* e sustento das duas famílias". Eu nem ousava tocar no assunto. E o outono, como por desaforo, destacou-se por uma tal beleza, que exigia pintura.

O Kurkureú gelado baixou seu nível e os calhaus à flor da água nas corredeiras cobriram-se de um musgo verde-escuro e alaranjado. Um salgueiro tenro e nu avermelhou-se devido às geadas precoces, mas os pequenos álamos ainda conservavam a densa folhagem amarelada.

As enfumaçadas *iurtas* dos guardadores de cavalos, lavadas pelas chuvas, enegreciam nos alagados cobertos de relva acastanhada e filetes odorosos fluíam pelos orifícios de saída da fumaça. Garanhões magros relinchavam outonalmente à plena voz, as éguas se dispersavam e agora

seria difícil mantê-los em rebanhos até a primavera. O gado, que tinha retornado das montanhas, vagava em bandos pelos restolhos. A estepe pardacenta e seca estava recortada em todos os sentidos por sendas formadas pelo pisar dos animais.

Logo, o vento da estepe começou a soprar, o céu ficou turvo, começaram as chuvas frias que prenunciam a neve. Apareceu, não sei como, um dia suportável, que me permitiu ir até o rio — atraía-me um arbusto queimado de sorveira de montanha num banco de areia. Instalei-me perto do vau, entre os salgueiros. Anoitecia. De repente, vi duas pessoas que, a julgar por tudo, atravessaram o rio avau. Eram Daniiar e Djamiliá. Eu não podia desprender meus olhos de seus rostos sérios e inquietos. Com uma sacola nas costas, Daniiar caminhava impetuosamente, as abas do casaco aberto batendo contra os canos de pano das botas surradas. Djamiliá envolvia a cabeça num xale branco, que estava rebatido agora para a nuca; usava seu melhor vestido estampado, com o qual ela gostava de se ostentar nos dias de feira e, por cima dele, uma jaqueta aveludada e acolchoada. Levava numa das mãos uma pequena trouxa e a outra apoiava na alça da sacola de Daniiar. Caminhando, conversavam algo.

Seguiram a trilha, através da ravina, entre os arbustos e eu os seguia com o olhar, sem saber o que fazer. Quem sabe, chamá-los com um grito? Mas a língua parecia colada no céu da boca.

Os últimos raios — purpúreos esgueiravam-se pela rápida fieira de nuvenzinhas ágeis ao longo das montanhas e em breve começou a escurecer. Daniiar e Djamiliá, sem um olhar, partiram na direção do entroncamento ferroviário. Duas vezes ainda suas cabeças surgiram momentaneamente entre os arbustos e depois desapareceram.

— Djamiliá-á-á! — gritei com toda a força.

"Á-á-á-á!" — respondeu um eco inóspito.

— Djamiliá-á-á! — tornei a gritar e, perdendo a cabeça, lancei-me numa corrida atrás deles, pelo rio, diretamente na água.

Nuvens de borrifos gelados voavam contra meu rosto; a roupa ficou molhada e eu seguia correndo sem escolher caminhos quando tropecei não sei em que e caí com toda a força na terra. Fiquei deitado sem levantar a cabeça e lágrimas inundaram-me o rosto. Era como se as trevas caíssem pesadamente sobre meus ombros. As delgadas hastes dos arbustos sibilavam finamente, com melancolia.

— Djamiliá! Djamiliá! — solucei, com a voz entrecortada pelas lágrimas.

Acabara de me separar das pessoas que me eram mais caras e próximas. E somente então, estendido no solo, compreendi subitamente que amava Djamiliá. De fato, ela foi meu primeiro amor, um amor ainda pueril.

Fiquei estendido um longo tempo, afundado no cotovelo molhado. Estava me separando não apenas de Djamiliá e Daniiar, mas também da minha infância.

Quando, na escuridão, consegui voltar para casa havia um tropel no pátio: estribos chocalhavam, alguém selava os animais e Osmón, embriagado, oscilava num cavalo, berrando a plenos pulmões:

— Há muito que devíamos ter expulsado do *aíl* aquele cachorro mestiço e intruso. Desonra, vergonha de todo o clã. Se eu chegar a vê-lo, vou matá-lo no mesmo instante e depois que me condenem — não permitirei que vagabundo nenhum venha roubar nossas mulheres! Avante, em sela, *djiguíti,* não tiveram tempo de ir a nenhum lugar, vamos pegá-los na estação!

Fiquei gelado: para onde o galope os leva? Mas, vendo que a perseguição tomava o rumo da principal estrada para a estação e não a do entrocamento, sem que ninguém notasse me esgueirei para dentro da casa e voltei com a cabeça coberta pelo casaco de meu pai, para que ninguém visse minhas lágrimas.

Quantas conversas e mexericos isto provocou no *aíl*! As mulheres, falando todas ao mesmo tempo, condenavam Djamiliá.

— Que boba! Sair desta família, pisar na própria felicidade!

— É de se perguntar, o que ela cobiçava? Tudo o que ele pode ter de bom não passa de um casaquinho e de botas esburacadas!

— É claro que ele não tem um curral cheio de gado! Tudo o que este mendigo sem lar, este vagabundo possui é ele próprio e mais nada. Mas não faz mal, quando aquela belezoca perceber, será tarde demais!

— É o que eu digo! Mas em que Sadik não era um bom marido, o que faltava em sua casa? O primeiro *djiguíti* do *aíl*!

— E a sogra? Não é para qualquer uma que Deus manda uma sogra destas! Tente achar uma *baibitché* igual! Cavou a própria sepultura, aquela estúpida, e a troco de nada.

Talvez eu fosse o único a não condenar Djamiliá, minha ex-*djené*. Ainda que Daniiar não possuísse nada, além de um velho casaco e de botas esburacadas, eu sabia muito bem que sua alma era mais rica do que a nossa. Não, eu não conseguia acreditar que Djamiliá seria infeliz com ele. Só tinha pena da minha mãe. Parecia-me que juntamente com Djamiliá partiu sua força de outrora. Ela desanimou, perdeu a cor e, como agora compreendo, de modo algum podia se habituar com o fato de que a vida, às vezes, destrói de modo tão brusco os velhos costumes. Uma árvore poderosa desenraizada pela tempestade, não mais se erguerá. Antes, minha mãe não pedia a ninguém para colocar-lhe uma linha na agulha, pois seu orgulho não permitia. Um dia, voltando da escola eu a vi com as mãos trêmulas, sem conseguir ver o orifício da agulha e por isso chorava.

— Ora, enfie esta linha para mim! — pediu com um suspiro profundo. — Djamiliá está perdida... Ah, que patroa ela seria em nossa família! Foi embora... Não quis saber de nós... Mas, por que foi embora? Será que estava mal em nossa casa?...

Eu tinha vontade de abraçá-la, tranqüilizá-la, contar-lhe que pessoa era Daniiar, mas não ousava, ia magoá-la por toda a vida.

De qualquer modo, minha inocente participação em toda esta história deixou de ser segredo...

Sadik retornou logo. Naturalmente, ficou desolado, apesar de dizer a Osmón, quando bebia:

— Fugiu — que lhe faça bom proveito! Vai esticar as canelas num lugar qualquer. Na vida não faltam mulheres. Se a mulher tivesse cabelos de ouro, nem assim valeria o que vale o último dos mais imprestáveis rapazes.

— Isto é verdade! — respondia Osmón. — O que me dá mais pena é não tê-los apanhado na ocasião — eu o mataria e é tudo! Quanto a ela, amarraria pelos cabelos no rabo de um cavalo! Certamente foram para o sul colher algodão, ou são nômades como os cazaques. Não é a primeira vez que ele vagabundeia! O que não consigo entender é como tudo aconteceu e saber, ninguém sabia, nem sequer podia imaginar. Foi ela, a infame, quem maquinou tudo! Se eu a pegasse!...

Ouvindo tais arengas, sentia muita vontade de dizer a Osmón:

"Você não pode se esquecer de como ela te repreendeu na colheita do feno. O infame é você, gente boa!"

E lá estava eu, em casa, à vontade, desenhando para o mural da escola. Minha mãe preparava alguma coisa no forno. De repente, Sadik irrompeu na sala.

Pálido, com os olhos apertados de maldade, inclinou-se para mim e colocou-me sob o nariz uma folha de papel.

— Foi você quem pintou isto?

Fiquei pasmo. Era meu primeiro desenho. Daniiar e Djamiliá vivos me olhavam naquele instante.

— Fui eu.

— Quem é este? — mostrou com o dedo no papel.

— Daniiar.

— Traidor! — Sadik gritou-me na cara.

Rasgou o desenho em pedacinhos e saiu, batendo a porta com um estrondo.

Depois de um longo e torturante silêncio, minha mãe perguntou:

— Você sabia?

— Sim, sabia.

Que olhar de reprovação e perplexidade o dela olhando-me, apoiada no forno! E quando eu disse: "Vou pintá-los de novo!" — ela balançou a cabeça com dor e impotência.

Olhava os pedacinhos de papel que rolavam pelo chão e uma vergonha intolerável me asfixiava. Que me considerem um traidor! Quem eu traí? A família? Nosso clã? Mas, eu não traí a verdade, a verdade da vida, a verdade destas duas pessoas. Não podia contar isto a ninguém. Mesmo minha mãe não me compreenderia.

Tudo se embaralhava nos meus olhos — os pedaços de papel pareciam girar pelo chão, como se estivessem vivos. Aquele instante em que Daniiar e Djamiliá olharam-me do desenho ficou-me tão gravado na memória que, de repente, tive a impressão de ouvir a canção cantada por Daniiar, naquela memorável noite de agosto. Lembrei-me de como eles partiram do *aíl* e tive uma vontade intolerável de sair como eles pela estrada, com coragem e decisão, para o difícil caminho na busca da felicidade.

— Irei estudar... Diga ao pai. Quero ser pintor! — disse à minha mãe, com firmeza.

Estava certo de que ela iria começar a me reprovar e chorar, recordando meus irmãos caídos na guerra. Mas, para minha surpresa, ela não chorou. Apenas disse calma e tristemente:

— Vá... Vocês têm asas e as usam como lhes convém... E, como saber se vocês subirão alto no vôo? Quem sabe, é a verdade de vocês. Vá... Talvez, então, mude de idéia. Não é bom negócio isto de pintar e fazer borrões... Estude e saberá... E não te esqueças de casa...

Desde este dia, a Casa Pequena separou-se de nós. E, pouco depois, eu parti para estudar.

Essa é toda a história.

Na academia, para onde me enviaram depois da escola de pintura, apresentei meu trabalho de diplomação, um quadro sobre o qual eu meditava há muito tempo.

Não é difícil adivinhar que este quadro representa Daniiar e Djamiliá. Caminham por uma estrada outonal da estepe. Na frente deles, uma distância ampla e luminosa.

E se meu quadro não está bem realizado — o domínio da arte não surge de imediato — ele me é infinitamente caro, — é minha primeira inquietude consciente e criativa.

Também agora tenho meus fracassos, momentos pesados, quando perco a fé em mim mesmo. Volto-me então para este quadro que me é caro, para Daniiar e Djamiliá. Fico observando-os demoradamente e sempre mantenho com eles uma conversa:

"Onde vocês estão agora, por quais estradas caminham? Agora, são numerosas as novas estradas na estepe — por todo o Cazaquestão, até o Altai e até a Sibéria! Muitas pessoas de coragem trabalham lá. Quem sabe, vocês também estão nessa região! Você partiu, minha Djamiliá, pela estepe vasta, sem olhar para trás. Será possível que você se cansou, perdeu a autoconfiança? Apoie-se em Daniiar. Que ele te cante a canção do amor, da terra, da vida! Que a estepe se comova e cintile com todas as cores! Que você se recorde daquela noite de agosto! Vá, Djamiliá, não te arrependas, você encontrou o difícil caminho da felicidade!"

Observo-os e ouço a voz de Daniiar. Ele me chama para a estrada, quer dizer, já é tempo de me preparar para a viagem. Irei pela estepe ao meu *aíl*, onde encontrarei novas cores.

Que em cada uma de minhas pinceladas ressoe o canto de Daniiar! Que em cada uma de minhas pinceladas bata o coração de Djamiliá!

1958

CLÁSSICOS DO MARXISMO

Os textos clássicos do marxismo que mudaram o aspecto do desenvolvimento cultural da humanidade, oferecendo uma nova perspectiva de conhecimento da realidade histórica.

CM-01 — KARL MARX e FRIEDRICH ENGELS: **Obras Escolhidas — Vol. 1** — 382 pp.

CM-02 — KARL MARX e FRIEDRICH ENGELS: **Obras Escolhidas — Vol. 2** — 326 pp.

CM-03 — KARL MARX e FRIEDRICH ENGELS: **Obras Escolhidas — Vol. 3** — 352 pp.

CM-04 — V.I. LENINE: **Obras Escolhidas — Vol. 1** — 772 pp.

CM-05 — V.I. LENINE: **Obras Escolhidas — Vol. 2** — 780 pp.

CM-06 — V.I. LENINE: **Obras Escolhidas — Vol. 3** — 788 pp.

CM-07 — MAO TSE TUNG: **Obras Escolhidas — Vol. 1** — no prelo

CM-08 — MAO TSE TUNG: **Obras Escolhidas — Vol. 2** — no prelo

CM-09 — MAO TSE TUNG: **Obras Escolhidas — Vol. 3** — 480 pp.

CM-10 — MAO TSE TUNG: **Obras Escolhidas — Vol. 4** — 730 pp.

CM-11 — KARL MARX e FRIEDRICH ENGELS: **Vida e Obra — Heinrich Genkow** — 232 pp.

CM-12 — **A História me Absolverá** — Fidel Castro — 112 pp.

CM-13 — **Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana** — José Carlos Mariátegui — 260 pp.

CM-14 — **Dez Dias que Abalaram o Mundo** — John Reed — 315 pp.

REALIDADE BRASILEIRA

O pensamento vivo e crítico da realidade brasileira dentro de uma ótica progressista e analítica de nosso tempo.

RB-01 — **Carta aos Comunistas** — Luis Carlos Prestes - 64 pp.

RB-02 — **A Classe Operária no Brasil** — Paulo Sérgio Pinheiro e Michel M. Hall - 340 pp.

RB-03 — **A Coluna Prestes: Marchas e Combates** — Lourenço Moreira Lima - 680 pp.

RB-04 — **Combates e Batalhas: Memórias vol. I** — Octavio Brandão - 408 pp.

RB-05 — **Contribuição à História das Lutas Operárias no Brasil** — Hermínio Linhares - 98 pp.

RB-06 — **Coronelismo, Enxada e Voto** — Victor Nunes Leal - 276 pp.

RB-07 — **Diário da Guerrilha do Araguaia** — Apres. Clovis Moura - 96 pp.

RB-08 — **Ensaios Históricos e Políticos: Formação do PCB** — Astrogildo Pereira - 244 pp.

RB-09 — **Estado e Partidos Políticos no Brasil: 1930/1964** — M. do Carmo Campello de Souza - 178 pp.

RB-10 — **Estatuto da (contra a) Microempresa** — Carlos Reinaldo Mendes Ribeiro - 84 pp.

RB-11 — **Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil** — Sérgio Silva - 120 pp.

RB-12 — **A Expressão Amazonense** — Márcio Souza - 218 pp.

RB-13 — **Fronteiras: Viagens pelo Brasil Desconhecido** — Cláudio Bojunga e Fernando Portela - 230 pp.

RB-14 — **História da Ação Popular: da JUC ao PCdoB** — Haroldo Lima e Aldo Arantes - 180 pp.

RB-15 — **História das Lutas Sociais no Brasil** — Everardo Dias - 336 pp.

RB-16 — **História do Proletariado Brasileiro: 1857/1967** — Boris Koval - 568 pp.

RB-17 — **História e Teoria dos Partidos Políticos no Brasil** — Afonso Arinos de Melo Franco - 128 pp.

RB-18 — **História Sincera da República — vol. I: das Origens a 1899** — Leôncio Basbaum - 284 pp.

RB-19 — idem — **vol. II: 1899 a 1930** - 316 pp.

RB-20 — idem — **vol. III: 1930 a 1960** - 252 pp.

RB-21 — idem — **vol. IV: 1961 a 1967** - 216 pp.

RB-22 — **A Idéia Republicana no Brasil Através dos Documentos** Reynaldo X.C.Pessoa - 176 pp.

RB-23 — **O Jogo do Poder no Brasil** — Miguel Arraes - 82 pp.

RB-24 — **A Luta pela Industrialização no Brasil** — Nícia Vilela Luz - 224 pp.

RB-25 — **Mataram o Presidente: Memórias do Pistoleiro que mudou a História do Brasil** — Alcino João do Nascimento e Hamiltom Almeida Filho - 140 pp.

RB-26 — **O Messianismo no Brasil e no Mundo** — Maria Isaura Pereira de Queiroz - 448 pp.

RB-27 — **Minha Vida e as Lutas do Meu Tempo: Memórias** — Elias Chaves Neto - 268 pp.

RB-28 — **Não às Usinas Nucleares** — Fernando Morais - 64 pp.

RB-29 — **O Partido Comunista Brasileiro: 1922/1964** — Eliezer Pacheco - 236 pp.

RB-30 — **Primeira Página: As Melhores Entrevistas do Autor** — Fernando Morais - 152 pp.

RB-31 — **O Problema do Sindicato Único no Brasil** — Evaristo de Morais Filho - 424 pp.

RB-32 — **A Produção Capitalista da Casa** — Herminia Maricato - 178 pp.

RB-33 — **Três Industrialistas Brasileiros: Mauá/Rui Barbosa/Simonsen** — Heitor Ferreira Lima - 197 pp.

RB-34 — **Universidade Brasileira: Reforma ou Revolução?** — Florestan Fernandes - 290 pp.

RB-35 — **A Verdade Sobre a Revolução de Outubro de 1930** — Barbosa Lima Sobrinho - 212 pp.

RB-36 — **Vida de um Revolucinário: Memórias** — Agildo Barata - 424 pp.

RB-37 — **Uma Vida em Seis Tempo: Memórias** — Leôncio Basbaun - 309 pp.

OLGA

95.000 EXEMPLARES VENDIDOS

O personagem que comoveu gerações de brasileiros deixa finalmente de ser um mistério total.
Mirian Paglia Costa, Veja.

Retrato de corpo inteiro de Olga e história completa da revolta comunista de 1935.
O Globo

Extremamente emocionante e bem escrito. Se não fosse uma história real, poderia ser lido como romance.
Ruy Castro, Folha de S. Paulo

Olga é muito mais viva e inquietante do que Julia, de Lilian Helmann.
Flávio Moreira da Costa, Fatos.

Fiquei encantada.
Martha Suplicy, TV Globo.

A vida real, muito mais emocionante do que novela das 8.
Neil Ferreira, publicitário.

FERNANDO MORAIS

EDITORA ALFA-OMEGA

TCHINGUIZ AITMÁTOV

Djamiliá

(ДЖАМИЛЯ)

''A mais bela história de amor do mundo'', segundo o poeta Louis Aragon, que a traduziu para o francês, completará em breve trinta anos. Desde que foi publicada pela primeira vez, em 1958, na revista Nóvi Mir (Mundo Novo), *Djamiliá* já teve noventa edições diferentes em quase setenta idiomas em todo o mundo. Seu autor, Tchinguiz Aitmátov, é um dos escritores mais lidos e amados da URSS; suas obras foram traduzidas para todas as línguas conhecidas das nacionalidades soviéticas.

O romance conta a história de Daniiar e Djamiliá, dois jovens apaixonados que vivem ''lá onde corre o perfumado e florescente Talás'', separados pelos rígidos costumes do clã. O tema polarizou as opiniões na Quirguízia, uma das repúblicas soviéticas, país de origem do autor; em verdade, toda a obra de Aitmátov provoca perplexidade, polêmicas, aplausos, opiniões bastante divergentes, mas nunca indiferença.

Cheio de lirismo e de uma sensualidade difusa e implícita, presente no ''olhar nada virginal'' de Djamiliá quando canta ''as coplas maliciosas do aíl'', o romance aborda com sensibilidade e beleza um tema tão controvertido quanto o da emancipação da mulher oriental. A tradução é de Paulo Peres, professor de Língua e Literatura Russa da Universidade de São Paulo.

Com *Djamiliá*, a Alfa-Omega inaugura uma coleção dedicada à publicação da nova literatura dos mais expressivos autores do mundo socialista contemporâneo.